

**OS CORISCOS**

## OS CORISCOS

“OS CORISCOS” estreou a 12 de setembro de 1931 apresentado pelo Grêmio Dramático Familiar, em sua sede, com o seguinte elenco:

FELIZARDO . . . . .	Abel Teixeira
BRAZ . . . . .	Joaquim Santos
BORROMEU . . . . .	Eurico Pinto
ODETE . . . . .	Altair Lima
STELA . . . . .	M <sup>a</sup> . de Lourdes Germano
MAURÍCIO . . . . .	Eliseu Falcão
WALQUÍRIA . . . . .	Gasparina Germano
ULISSES . . . . .	João Vieira
VITUCA . . . . .	Inácio Ratts
NAZARIO . . . . .	J. Simões
PALMIRA . . . . .	Alda Soares
SATURNINO . . . . .	Pierre Freire

## PRIMEIRO ATO

(SALÃO CONFORTÁVEL. PORTAS LATERAIS. PORTA LARGA A E.)

### Cena I

Braz, que lê um jornal, Felizardo e depois Borromeu.

FELIZARDO — (ENTRANDO E.) Os jornais já vieram, primo?

BRAZ — Já. Leva este, que já li.

FELIZARDO — Obrigado. (VAI A RETIRAR-SE)

BRAZ — Olha, Felizardo! (ESTE SE VOLTA) Procura nos anúncios alguma colaboração que te sirva. Isto não pode continuar. Tu deves compreender...

FELIZARDO — É o que costume fazer todos os dias, primo, pois bem sei que te estou sendo pesado... Mas... que queres!? Eu sou o Felizardo mais caipora do mundo. (VAI SENTAR-SE A E.)

BRAZ — (A PARTE) Palermo.

FELIZARDO — (A PARTE) Estafermo.

BRAZ — Ó Felizardo! (ESTE LEVANTA A CABEÇA) Precisam de um copeiro na "Pensão das Flores".

FELIZARDO — E o que tenho eu a ver com isto, primo?

BRAZ — Por que não te propões?

FELIZARDO — Porque eu tenho convicção disto — tu te envergonharias de ver feito garçom de uma pensão, (alegre) um sobrinho de tua mãe.

BRAZ — Está bem. (CONTINUA A LEITURA)

BORROMEU — (ENTRANDO A E. COM UM TELEGRAMA) (A PARTE) Hum! Isto aqui está metamorfoseado em um salão recreativo de leitura... amena. (APROXIMANDO-SE) Patrão!... (MAIS ALTO) Patrão!

BRAZ — (IRRITADO) Só sabe falar gritando, patife. (FELIZARDO OLHA DE ESGUELHA)

BORROMEU — É porque V. Excelência estava tão profundamente embebido na leitura dos órgãos matutinos, que...

BRAZ — (INTERROMPENDO-O) Dize logo o que queres, maroto!

BORROMEU — É um despacho telegráfico endereçado a V. Excelência. (ENTREGA)

(A PARTE) Este velhote é ranzinza...

- BRAZ** — (DANDO UM MURRO NA MESA) Com mil raios! Além daquele imbecil, mais dois coriscos ameaçam revolucionar a tranqüillidade do meu lar...
- BORROMEU** — O estafeta está à espera do respectivo recibo.
- BRAZ** — (MAU-HUMORADO) E por que não o assinaste, tratante!? (ASSINA)
- BORROMEU** — (À PARTE) — É... Uma vez caí na asneira de falsificar a firma dele, e quase vou esfolado vivo.
- BRAZ** — (ENTREGANDO O RECIBO) Pega. (BORROMEU SAI F.) Há cousas que só a mim acontecem... Com um milhão de diabos!

## Cena II

Braz, Felizardo e Odete.

- ODETE** — (ENTRANDO D.) Bom-dia, papai.
- BRAZ** — (MOSTRANDO O TELEGRAMA) Lê.
- ODETE** — (DEPOIS DE LER) (ALEGRE) O que!? O tio Ulysses, que há dez anos não vejo, e o primo Victorino, vêm passar uma temporada conosco!? Que bom! Heim! Que bom!...
- BRAZ** — Não digas asneiras, Odete. Esses indivíduos vêm implantar a desorganização no nosso lar!...
- ODETE** — Ah!... O papai trata o tio Ulysses e o Victorino de indivíduos!
- BRAZ** — Indivíduos! Ouve: o tal irmão de tua mãe nunca passou de um rústico, de um rematado casca-grossa, e o filho, naturalmente, deve medir-se pela mesma bitola do pai. Vão transformar isto aqui em frege. Vão desorganizar tudo. Vai ser uma inferneira dos demônios!...
- ODETE** — (ALEGRE) Pois eu estou muito contente. Contentíssima. Vou ver caras novas nesta casa.
- BRAZ** — Já nos bastava a daquele pedaço d'asno. (OLHA PARA FELIZARDO)
- FELIZARDO** — (QUE VEM SEMPRE OBSERVANDO DE ESGUE-LHA) Falou comigo, primo?  
(LEVANTA-SE) Temos alguma novidade?
- BRAZ** — (COM VOZ MELÍFLUA, TROÇANDO) Temos, primo. Uma grande novidade...
- ODETE** — (NO MESMO DIAPASÃO) É, primo. Uma alta novidade. Uma novidade transcendental. (BRAZ, ARREBATADO, SAI E.) O tio Ulysses e o primo Victorino vêm passar algum tempo sob o nosso hospitaleiro teto. (CUMPRIMENTA, DEBICANDO E SAI)
- FELIZARDO** — (SÓ) Pre-ten-siosa!... (ARREMEDANDO-A) Sob o nosso hospitaleiro teto... (NOUTRO TOM) Diabos levem esta hospitalidade. Eu que o diga. Vivo aqui... escor-raçado. (SENTA-SE) Tal pai, tal filha... presunçosos e tolos a mais não ser... (LÊ)

### Cena III

#### Felizardo e Stela

STELA — (ENTRANDO COM UMA SALVA, DEPOIS DE OLHAR EM TORNO) Sr. Felizardo, o padrinho saiu?

FELIZARDO — Saiu, sim.

STELA — Nem esperou pelo café...

FELIZARDO — Não faça questão disto não, Stela. Eu posso muito bem tomar o café por ele... para aproveitar. (TOMA A SALVA COLOCA SOBRE A MESA E TOMA O CAFÉ AOS GOLES) Ih! Está quente como o diabo!... Teu padrinho deve estar furioso.

STELA — Por quê?

FELIZARDO — Porque recebeu um telegrama avisando a vinda do cunhado e do sobrinho, que vão passar algum tempo... sob este hospitaleiro teto. (NOUTRO TOM) É muito mesquinho aquele meu primo, supinamente mesquinho.

STELA — Pois olhe: eu não acho.

FELIZARDO — Não digas isto, Stela. Tu bem vês, como aqui eu sou tratado, ou, antes, como aqui sou maltratado. Quanto a ti... teu pai foi um dos melhores amigos de meu primo, amigo íntimo; e tu, pobre órfã, a ele especialmente recomendada, vives aqui a trabalhar como uma escrava. (PASSA) E sempre repreendida... espezinhada... (NOUTRO TOM)... como eu também o sou, apesar de parente.

STELA — O padrinho não me trata tão mal.

FELIZARDO — Pode não ser tão ríspido contigo. Mas a Odete... Ah! Aquela presumida te fala com uma sobranceria, que me revolta. (NOUTRO TOM) Mas demos tempo ao tempo... (PEGA A SALVA E ENTREGA) Toma. (SAINDO COM JORNALIS) Demos tempo ao tempo. (MAURÍCIO ENTRA SORRATEIRAMENTE)

STELA — Pobre senhor Felizardo... Muitos aborrecimentos tem sofrido nesta casa...

### Cena IV

#### Stela, Maurício e depois Borromen

MAURÍCIO — (AO OUVIDO DE STELA) A Odete?

STELA — (ASSUSTADA) Ai!... (DEIXA SALVA CAIR)

BORROMEU — (QUE VEM ENTRANDO F.) Ui!... Lá se foi a louça.

MAURÍCIO — (RINDO) Não te incomodes. Eu apanho os cacos. (EXECUTA)

BORROMEU — (À PARTE) Este camaradinho entra aqui, como se entrasse na casa da sogra.

MAURÍCIO — (ENTREGANDO A SALVA) Julgavas que fosse algum bicho?

BORROMEU — (À PARTE) Bicho... ele é.

STELA — Não é a primeira vez que o senhor me prega destes sustos.

MAURÍCIO — Neste caso... já devias estar habituada. Quê de a Odete?

STELA — (SAINDO) Está lá dentro. (SAI D.)

MAURÍCIO — Então, menina, por obséquio... (VENDO BORROMEU, QUE DESCE) Ah! Aqui está o incomensurável Burro-meu.

BORROMEU — Borrromeu, senhor doutor: Borrromeu, se me faz favor.

MAURÍCIO — Avisa a Odete que eu estou aqui.

BORROMEU — V. Excelência viu o senhor Braz sair, e então...

MAURÍCIO — (INTERROMPENDO-O) É como dizes. Aproveitei a ocasião.

BORROMEU — Eu sempre ouvi dizer, senhor doutor, que a ocasião faz o ladrão, e nas presentes conjecturas V. Excelência...

MAURÍCIO — (INTERROMPENDO-O) Nas presentes conjecturas, não estou disposto a ouvir discursos. Vai prevenir a Odete.

BORROMEU — Na conformidade dos desejos demonstrados, eu...

MAURÍCIO — (INTERROMPENDO E AMEAÇANDO-O COM O PÉ) Então? Vais ou não vais?

BORROMEU — Vou, excelência... (À PARTE) Pode recolher as patas. (SAI D.)

MAURÍCIO — (SÓ) Este mulato é irritante com o seu palanfrório e as suas baboseiras de charlatão de feira. (SENTANDO-SE) A pequena é, indubitavelmente, de primeiríssima ordem. É pena que o pai, em pleno antagonismo com os princípios modernos, não lhe dê... mais liberdade. Ela, no entanto, é bem espertinha... Olá se é... E o seu olhar... Ah! o seu olhar tem um fulgor que me deslumbra.

(CANTA)

Tem!... Tem!...  
Tem fulgor seu olhar  
Tanta brandura,  
Tanta doçura  
Que me faz eletrizar.  
Assim é o seu sorriso.

BORROMEU — Que me atraem. Pode ontinuar.

MAURÍCIO — E que aspiro sorver a deliciosa ambrósia, na taça purpurina de seus lábios virginais.

BORROMEU — De seus lábios virginais. (BATENDO NA TESTA) Daqui já não me sai... “jamais de la vie”!...

MAURÍCIO — Vê lá o que fazes.

BORROMEU — Oui, mon chéri. Darei conta cabal da importante missão. (MAURÍCIO VAI A SAIR, PEGA NO CHAPÉU E VOLTA-SE) As ordens de V. Excelência (MAURÍCIO SAI)... mon petit loulou. (SÓ) Nickeis... mente. Esse estudante-zinho é descarado... sem-vergonha. “Dirás à senhorita Ode-te que continuo, cada vez mais febrilmente apaixonado; que os seus olhos são dois abismos insondáveis que me atraem, e que aspiro...”

## Cena V

### Borromeu e Odete

ODETE — (ENTRANDO) Maurício?

BORROMEU — Retirou-se agora mesmo.

ODETE — (ABORRECIDA) Sem falar comigo...

BORROMEU — Tinha um negócio urgente a resolver. (CONFIDENCIAL) Mas deixou um recadinho “osso”!!!.

ODETE — Para mim?

BORROMEU — Sim.

ODETE — (COM INTERESSE) O que foi?

BORROMEU — Ele me incumbiu de dizer à senhorita... (COM POSE, DECLAMANDO) “que continua cada vez mais febrilmente apaixonado.”

ODETE — Ele disse isto, Borromeu?

BORROMEU — Disse, senhorita. Eu ia lá inventar uma história destas... (DECLAMANDO) “Que os seus olhos são dois abismos insondáveis, que o atraem”.

ODETE — O que?

BORROMEU — Eu estou repetindo o que ele disse. (DECLAMA) “E que aspira sorver a deliciosa ambrosia na taça purpurina de seus lábios virginais.”

ODETE — Virgem Santíssima. Ele quer avançar muito depressa!

BORROMEU — Está sequioso e faminto.

ODETE — E não falou em casamento?

BORROMEU — Não, senhorita; nos tempos bolchevísticos que atravessamos, pouco se fala em casamento. Só se fala em comunismo. O sol nasce para todos.

ODETE — Já amaste alguma vez, Borromeu

BORROMEU — Já, senhorita. (CANTA)

De uma moça gostei.  
Era mesmo um peixão.  
Mas em breve notei  
Não me tinha paixão.  
A mulata era audaz.  
Fui lhe dar beliscão  
E ela — vuco-zas-trás!  
Atirou-me no chão.

Refrão

Certo dia um coió,  
Ela então arranjou  
E a malvada, sem dó           Bis  
Me deixou,  
Me deixou.

Namorava pra burro.  
Era o meu pão de ló,  
Pois fui sempre casmurro  
Pra gostar de xodó,  
Me fazia um ciúme! . . .  
Outra assim nunca vi.  
Inda sinto o perfume  
Do seu patichuli.

Foi uma formidolosa e patética, que me levou ao hospital.

ODETE — Ao hospital? Como assim!?

BORROMEU — A pérfida deixou-se embelezar pelas lábias de um músico, e este desandou-me uma tunda, que me pôs de molho 15 dias.

Desde então . . . eu comecei a odiar os músicos.

## Cena VI

Os mesmos e Walquíria.

WALQUÍRIA — (DA PORTA) D. Odete?

ODETE — Entra, Walquíria. (ESTA DESCE)

BORROMEU — (À PARTE, AFASTANDO-SE) É a manicura, com os respectivos apetrechos.

ODETE — Como vais?

WALQUÍRIA — (COQUETE/TOM DE VOZ LANGUESCENTE)  
Regularmente.

ODETE — Estava ansiosa que viesses. Esperamos hoje o tio Ulysses e meu primo Victorino.

WALQUÍRIA — Ansiosa deve a senhorita estar . . . pelo priminho, não?



ODETE — Se eu nem o conheço... E mesmo já tenho o coração ocupado.

BORROMEU — (À PARTE). Ela já tem o seu rabicho.

WALQUÍRIA — (SEMPRE DENGOSA) Em todo caso, senhorita, não deve ser cousa que despreze a convivência com um priminho que seja terno e gentil. Deve ser agradabilíssimo! E muitas vezes desse delicioso aconchego nasce o amor... impetuoso e ardente. E, sem o amor, nós não podemos viver. Porque o amor é para nós o que o orvalho é para as flores.  
(CANTA)

Tu podes crer.

Viver.

Sem se gostar

De alguém

Não nos convém

Porque

Para viver-se

Só o amor

É que nos traz

Prazer.

E que nos faz,

Então,

Gozar

Tal sensação!

WALQUÍRIA, ODETE E BORROMEU:

Tu podes crer.

Viver

Sem se gostar

De alguém

Não nos convém

Porque

Para viver-se

A paixão

É que nos faz

Gozar,

É que nos faz

Vibrar

De comoção.

Ao pensar  
No ardor  
De uma paixão  
Sinto o coração  
De amor  
A palpitar  
Um tal prazer,  
Por Deus,  
É de encantar  
Nos sonhos seus  
Nos faz  
Arrebatat.

Ao pensar  
No ardor  
De uma paixão  
Sinto o coração  
De amor  
A palpitar  
Prazer sem par  
Capaz  
De arrebatat  
Audaz  
Nos sonhos seus  
Aos infinitos céus.

WALQUÍRIA — Ah! Quem me dera... um priminho.

BORROMEU — (A PARTE) Ah! Quem me dera uma priminha!...

ODETE — (RINDO) Ofereço-te o meu. Vê se o conquistas.

WALQUÍRIA — A senhorita o permite?

ODETE — A vontade.

BORROMEU — (A PARTE) A vontade.

WALQUÍRIA — Pois então, senhorita, desenvolverei todos os esforços imagináveis, para ter a honra de ser... sua prima, por afinidade. Hei de queimar o último cartucho.

ODETE — Passemos para a alcova. (SAEM CONVERSANDO A D.)

BORROMEU — (SÓ) Essa manicura é tão dengosa e coquete, que faz os pêlos da gente se eriçarem... (ARREMEDANDO-A) Hei de queimar o último cartucho... Ah, se fosse comigo!... Ao primeiro cartucho eu me rendia. Ela já é um cartuchinho... Oh, mon Dieu de la France... por que me deste um coração tão sensível... e uma pele tão escura... (APARECEM AO F. EXAMINANDO O JARDIM, ULYSSES, VICTO-

RINO E NAZÁRIO. O PRIMEIRO TRAZ UMA VALISE, O SEGUNDO, UM CLARINETE E O TERCEIRO, UM SAXOFONE.) Ah! São músicos! Gente desalmada e desprezível! Deve ser para solenizar a chegada dos parentes do patrão. (IMITA A MÚSICA) Tara-tachim-tichim! Tara-tachim-tichim-tara-tachim-tichim.

### Cena XII

Borromeu, Ulysses, Victorino e Nazário.

ULYSSES — Então? Não nos manda entrar?

BORROMEU — (IMITANDO O BOMBO) Bum-tão! Pois não. Vão entrando.

ULYSSES — Entra, Vituca! Entra, compadre Nazário. (ELES ENTRAM OBSERVANDO TUDO) Estão muito bem instalados, heim, Vituca?

BORROMEU — (COM IMPORTÂNCIA) Estamos otimamente instalados.

ULYSSES — Cuidado cuns instrumentos, cumpadre Nazário.

NAZÁRIO — Num se preocupe, compadre.

ULYSSES — Senta Vituca, senta compadre. (SENTAM-SE)

BORROMEU — (À PARTE) Chi! Vão escangalhar a mobília (COSPEM) e cuspir todo o soalho. Só levando esta cambada para outra sala, e arranjando uns bancos. (ALTO) O patrão não está, mas vou tratar de alojá-los convenientemente. (SAI E.)

ULYSSES — Vamo passar aqui um vidão. Assim mesmo tu nem queria vir, heim Vituca? Custou-me te arrancar do cós da tia Chica.

VITUCA — Coitada da titia! Ficou dibulhada im lágrimas.

ULYSSES — Ela já parece mesmo uma espiga disbulhada.

NAZÁRIO — Era vê um chafariz. E antonce saluçava e dava guinchos, qui só capado n'hora do pega pra matá.

VITUCA — É bem capaz de morrer de saudades.

ULYSSES — (LEVANTANDO-SE) Pois que morra... Se num fosse a iducação qui ela te deu... tu num seria hoje... um mari-cas. (WALQUÍRIA APARECE À D.) Olá, pequena. (WALQUÍRIA APROXIMA-SE) Vem a meus braços, minha santa!

### Cena III

Os mesmos e Walquíria.

WALQUÍRIA — (FUGINDO) Credo! (VITUCA OLHA DE ESGUE-LHA; ENCABULADO, LEVANTA-SE).

NAZÁRIO — (À PARTE) Taí. Ela arripunou.

ULYSSES — Já qui tu num quer me abraçar, ao meno me aperte a mão. (ESTENDE A MÃO) Olha tua prima, Vituca. (ESTE OLHA A FURTO)  
 WALQUÍRIA — (À PARTE) Ah! Eles me tomam pela Odete. (VAI FALAR COM ULYSSES)  
 ULYSSES — (APERTANDO-LHE A MÃO) Você está bonita como um raio, criatura!  
 NAZARIO — (À PARTE) Um pan-cadão.  
 ULYSSES — Capaz de fazer pecar um santo! Fala aqui com o Vituca. Anda. (WALQUÍRIA VAI) Aperta a mão da moça, Vituca. (VITUCA ESTIRA OS DEDOS E WALQUÍRIA PEGA-LHE NA MÃO) De cum força.  
 WALQUÍRIA — (PARA ULYSSES) Ih! . . . Mas está gelado . . .  
 ULYSSES — Ele é assim incabulado pra burro.  
 NAZARIO — (À PARTE) Ou cabra besta.  
 ULYSSES — Deixa de ser trouxa, Vituca! Olha direito pra moça.  
 VITUCA — (CANTA)

Não sei porque eu me sinto tremer  
 Ao ver menina junto de mim.  
 Por Deus, papai, eu cá sou assim.  
 Não sei porque é.  
 Eu fico gelado ao ver mulhé.  
 (FALANDO) A mulher disse S. Barnabé foi quem arrastou  
 o homem ao pecado original.  
 Meu coração a bater  
 Nun baticum de aflição,  
 E eu me sinto estremecer  
 Quando um peixão  
 Me aperta a mão.

ULYSSES — Eu trouxe ele pra assistí (PASSA) o carnaval. Quero vê se ele desarna. Qu' é de teu pai?  
 WALQUÍRIA — Meu pai morreu.  
 ULYSSES — (ESPANTADO) O que?! O Braz morreu?!  
 VITUCA — O titio morreu?  
 WALQUÍRIA — Então sou filha do Sr. Braz?!  
 ULYSSES — Você não é a Odete?  
 WALQUÍRIA — Não, senhor.  
 ULYSSES — Tás ouvindo, Vituca? Não é a Odete não. Desculpe, menina.  
 WALQUÍRIA — (COQUETE) Não por isso, Sr. Ulysses.  
 ULYSSES — (BABOSO) Ai! . . . Ela sabe o meu nome! . . . Tás ouvindo, Vituca? Ela sabe o meu nome.  
 WALQUÍRIA — (PARA ULYSSES) Walquíria Meireles, uma sua criadinha. (OLHA PRA VITUCA / VAI A SAIR. VITUCA OLHA ENCABULADO E SENTA-SE)

ULYSSES — Eu simpatizei muito com a menina.  
NAZARIO — E eu também. (SENTAM-SE)  
WALQUÍRIA — (DENGOSA) Muito obrigada. (SAI F.)  
NAZARIO — (LEVANTANDO-SE) E quem é qui num simpatiza  
cum parmim de cara como aquele?  
ULYSSES — Num se precipite, cumpadre Nazário. Cuidado cuns  
instrumento.  
NAZARIO — Num tenha cuidado, cumpadre. (SENTA-SE)

### Cena IX

Os mesmos, Borrromeu e Maurício

BORROMEU — (ENTRANDO) O alojamento já está pronto.  
MAURÍCIO — (Ao F.) Borrromeu!... O velho já veio?  
(BORROMEU SE APROXIMA)  
BORROMEU — Ainda não.  
MAURÍCIO — Quem são aqueles tipos?  
BORROMEU — São músicos.  
MAURÍCIO — Presta atenção quando o velho vem. (DESCE)  
BORROMEU — (CONSIGO) Bonito ofício!... (VAI AO F.)  
MAURÍCIO — Ilustres discípulos de Orfeu!  
VITUCA — (PARA ULYSSES) O que foi que ele disse?  
ULYSSES — Eu sei lá! (PARA MAURÍCIO) Quem é o senhor?  
MAURÍCIO — Sou quintanista de medicina. Chamo-me Maurí-  
cio. E o senhor?  
ULYSSES — Ulysses.  
MAURÍCIO — Ah!... Ulysses, pai de Telêmaco, marido de Pené-  
lope.  
ULYSSES — Não, senhor. Ulysses, pai do Vituca, marido da Eu-  
frozina.  
MAURÍCIO — Este seu filho, já lhe deu netos?  
ULYSSES — Qual o que!... Foi criado por uma tia solteirona,  
que trazia ele amarrado ao cós da saia e meteu no espírito  
dele o horror às mulheres.  
MAURÍCIO — Santo Deus! Que heresia! (NOUTRO TOM) Ó  
Vi... (PARA ULYSSES) Como é o nome dele?  
ULYSSES — Victorino, mas nós chamamos ele é Vituca.  
MAURÍCIO — Mas... Ó Vituca. É possível que tu não gastes  
das mulheres?  
VITUCA — (LEVANTANDO-SE) A mulhé — disse Santo Agosti-  
nho — é a causadora do pecado.  
MAURÍCIO — E quem não pecou atire a primeira pedra.  
NAZARIO — (A PARTE) O dimonhe é quem atira.  
VITUCA — A mulhé — disse São Bernardo — é a representação  
do diabo.

MAURÍCIO — Meu Deus! E quem não morre de amores por um diabinho de saias.

VITUCA — A mulhé — disse São Gregório — tem o veneno da víbora e a malícia do dragão.

MAURÍCIO — Veneno que nos dá vida; malícia que se perdoa.

ULYSSES — Bonito.

VITUCA — São Cristóvão disse que, de todos os animais ferozes, o mais perigoso é a mulhé.

ULYSSES — Foi a tia Chica quem meteu esta ladainha na cachola dele.

VITUCA — A mulhé... .

MAURÍCIO — (INTERROMPENDO-O) Espere! Ainda tem?

ULYSSES — Tá bom. Ele passa é horas e horas nessa carrilha. Tem corda pra muito tempo.

MAURÍCIO — (PRA VITUCA) Continue.

VITUCA — A mulhé — disse São Cipriano — é um visgo envenenado.

MAURÍCIO — Visgo delicioso... que une as almas e os corações.

BORROMEU — (DESCENDO) Depressa, senhor doutor, depressa. O velho vem aí.

MAURÍCIO — Adeus, filhos de Euterpe!

VITUCA — (PRA ULYSSES) Filho de quem?

BORROMEN — Acompanhem-me. (VÃO A SAIR E. E DÃO UM ENCONTRÃO EM FELIZARDO, QUE VEM ENTRANDO)

## Cena X

Felizardo e Braz.

FELIZARDO — Vão cegos? (SÓ) Que diabo de tropa será essa?...

BRAZ — (ENTRANDO E DESCENDO) Vai ser uma inferneira nesta casa. Ah! coriscada de mil demônios! (SENTA-SE)

FELIZARDO — Já sei que o meu dileto primo deve achar-se radiante de satisfação com a vinda de seus dignos parentes. (BRAZ DEITA-LHE UM OLHAR ENFURECIDO) Pode fornecer-me um charuto a título precário?

BRAZ — Queres um charutinho?

FELIZARDO — Selta ou Holandeses.

BRAZ — (À PARTE) Ainda escolhe as marcas, o patife. (TIRANDO UMA CAIXA DA GAVETA) Só tenho Suerdieck, Flor-Fina.

FELIZARDO — Serve. São os melhores. (BRAZ ENTREGA) (DEPOIS DE PROCURAR NOS BOLSOS) Um fosforozinho, faz favor?

BRAZ — (ENTREGANDO-LHE/À PARTE) Só tem mesmo o par de queixos... Mas é possível que eu continue a sustentar este malandro até nos vícios...

- FELIZARDO** — (GUARDANDO OS FÓSFOROS) És muito gentil, meu primo. Primas pela proverbial amabilidade.
- BRAZ** — Por que não deixas de fumar?
- FELIZARDO** — (DEPOIS DE UMA FUMAÇADA) Já tenho tentado isto várias vezes, sem o conseguir. Mas, deixa estar, primo, quando receber o meu dinheiro do seringal, eu te indenizarei fartamente. Bem sabes que a qualidade primordial de nossa família é a liberalidade.
- BRAZ** — Tu algum dia possuístes seringal. . .
- FELIZARDO** — Possuo, sim, primo. No alto Xingu. E deixei procuração pra ser vendido.
- BRAZ** — Ora. . . tu chegaste aqui, com uma mão na frente, e outra atrás. . .
- FELIZARDO** — (INTERROMPENDO-O) Foi a maldita baixa da borracha.
- BRAZ** — (CONTINUANDO) Depauperado, horrivelmente esquelético e tiveste a genial idéia (genial para ti e infelicíssima para mim) de te aboletares em minha casa, julgando, talvez, que isto aqui fosse hospital.
- FELIZARDO** — Tem paciência, primo. És o meu único parente e eu só podia recorrer à tua nunca desmentida generosidade. Decerto, magoar-te-ia eu, se houvesse recorrido a pessoas estranhas.
- BRAZ** — Ah! Para que não me magoasse. . .
- FELIZARDO** — Eu tenho bom coração, primo.
- BRAZ** — E agora, que já te achas restabelecido, porque não procuras tu ganhar a vida?
- FELIZARDO** — É o que pretendo fazer. (DEPOIS DE UMA FUMAÇADA) Vou estabelecer-me.
- BRAZ** — (RI) Esta é boa! . . .
- FELIZARDO** — Sim. Vou abrir uma casa de comércio. Estivas e molhados, em grosso e a retalho. É só chegar o dinheiro. . .
- BRAZ** — (INTERROMPENDO-O) Do seringal?
- FELIZARDO** — Perfeitamente.
- BRAZ** — Tu não me embromas com essa história de carocha. Tu és um refinado mentiroso.
- FELIZARDO** — (DEPOIS DE UMA FUMAÇADA) Este meu primo é superlativamente amável. (SAI E., CHARUTO AO QUEIXO)

### Cena XI

Braz, Stela, depois Borromeu e Odete.

- STELA** — (ENTRANDO) A Odete manda perguntar se o senhor vai à Central receber o sr. Ulysses e o filho.
- BRAZ** — Dize-lhe que vou. (OLHA O RELÓGIO) Ou diabo! Já passa da hora.

NAZÁRIO — Vamo dar-le uma sova, compadre.

ULYSSES — Cuidado cuns instrumento, compadre Nazário. Basto eu pra ensinar esse patife.

BORROMEU — (ACOVARDANDO-SE) O senhor não pode esbordoar-me dentro da minha própria residência. O domicílio do cidadão é in-violável!

ULYSSES — (ARREGACANDO AS MANGAS) Você vai vê, negro safado, você vai vê se eu posso ou não posso. (AVANÇA. BORROMEU FOGE. GRITOS, CONFUSÃO.)

### Cena XIII

Os mesmos e Stela.

STELA — (ENTRANDO) Mas que barulhada é essa?.

ULYSSES — Oh, queridinha... Aos meus braços. (ABRE OS BRAÇOS)

BORROMEU — (A PARTE) Olhem que descarado!

STELA — (PERPLEXA) O senhor está enganado.

ULYSSES — Enganada está você, minha jóia.

STELA — (AVANÇANDO RESOLUTA) Que é que o senhor está pensando?

ULYSSES — Eu tou pensando... quantas vezes eu te sentei no meu colo.

BORROMEU — (BAIXO PARA STELA) Desencoste, menina. Isola. Em músicos não há que fiar.

ULYSSES — Quantas vezes tu num me beijou... Quantas vezes tu num adormeceu nos meus braços, afagando as minhas faces, com as tuas mãozinhas delicadas.

BORROMEU — (A PARTE) Mas vejam que cinismo, heim!

STELA — O senhor está louco?

BORROMEU — Está, menina. Enloqueceu repentinamente.

ULYSSES — (FORTE) Retire-se! O seu lugar não é aqui. Estamos em família. (PRA STELA) Então, tu não te recorda de mim? Onde está teu pai?

STELA — No cemitério. Sou órfã.

ULYSSES — O que? O Braz morreu?!

VITUCA — O titio morreu.

STELA — Não, senhor, o padrinho Braz foi com a Odete à estação receber o Sr. Ulysses e o filho.

ULYSSES — Pois aqui estou eu. Eu sou o tio Ulysses.

STELA — É o senhor?! (APERTA-LHE A MÃO)

BORROMEU — Ah! o senhor é o tio Ulysses.

ULYSSES — Retire-se, moleque! (APRESENTANDO) E está aqui o meu Vituca. (STELA VAI FALAR-LHE) Aperta a mão da moça, Vituca. (ESTE ESTIRA OS DEDOS E STELA PEGA-LHE NA MÃO) De cum força.



STELA — Ah! Está geladinho...

ULYSSES — Acanhado. Isto é um idiota. Nem parece sê meu filho. Tem medo de mulheres que se péla. E eu cá... me pélo por elas.

VITUCA — (CANTA) Era eu bem pequeno

— Nunca hei de me esquecer —

A Quinota abraçou-me

E eu fiquei todo a tremer.

(Refrão — Coro repete, troçando)

Não sei! Não sei.

Porque razão

Quando eu vejo uma mulhé

Fico assim nesta aflição.

De outra feita a Maroca,

A mulhé do Baltazá,

Vei me dá uma beijoca.

Quase morro de chorá.

CORO:

Não sabe então

Porque razão

Quando avista mulhé

Fica assim nesta aflição.

STELA — (PARA ULYSSES) Tadinho! E este senhor quem é?  
(APONTA PARA NAZÁRIO)

ULYSSES — É o meu compadre Nazário. Veio exclusivamente pra zelar o meu instrumento. Sou doido pela música. Eu toco saxofone e o Vituca, clarinete.

STELA — O aposento que lhes está reservado é ali. (APONTA E.) Borrromeu! Conduza os hóspedes ao aposento determinado. (SAEM OS QUATRO À E. ULYSSES DISCUTINDO COM BORROMEU. STELA VAI A SAIR À D.)

### Cena XIV

Stela, Felizardo e depois Braz e Odete.

FELIZARDO — Stela! (ESTA SE VOLTA) Quem são aqueles gajos?

STELA — O cunhado do padrinho, o filho e um sujeito que conduziu o saxofone do velho. (SAI)

FELIZARDO — (SÓ) Ah! Então o cunhado de meu primo é músico! Muito bem. Vai ser uma beleza! (NOUTRO TOM) Vou apropriar-me de outro charutinho. (TIRA DA GAVETA E

ACENDE-O TIRANDO UMA FUMAÇADA) Delicioso, Regalia-Fina. (APARECEM BRAZ E ODETE F.) Ah! Aí vem o meu rabujento primo. (DESCE)

BRAZ — (ENTRA CONVERSANDO COM ODETE) Felizmente os tais coriscos não chegaram. Deus queira que se tenham arrependido, (ODETE SAI D.) ou morrido em viagem. (VENDO FELIZARDO QUE FUMA) O canalhinha já me bifou outro charuto. (SENTA-SE) Dai-me paciência, meu Deus!

FELIZARDO — Os seus charutos, primo, são realmente deliciosos. Que perfume admirável. (OUVE-SE UM SAXOFONE A TOCAR DESESPERADAMENTE)

BRAZ — (COM ESPANTO) O que é aquilo? (LEVANTA-SE)

FELIZARDO — Aquilo meu caro primo, aquilo é o seu respeitabilíssimo cunhado tocando saxofone.

BRAZ — Meu cunhado? Oh! meu Deus! Isto é um inferno. Isto é demais. É demais! (PROCURANDO ARRANCAR O COLARINHO) Eu sufoco! Eu preciso de ar. Eu morro de-ses-pe-rado! Ai! (CAI ESTATELADO NA CADEIRA)

FELIZARDO — (GRITANDO) Um médico! Um farmacêutico! Um veterinário! (APARECEM BORROMEU, ODETE, STELA, ODETE, ETC. GRANDE CONFUSÃO)

VITUCA — O titio morreu.

Pano rápido  
Fim do 1.º ato  
13/05/1931

## SEGUNDO ATO

### Cena I

Vituca, Odete e Walquíria.

ODETE — (CANTA)

O amor  
Quando é profundo  
Sedutor  
Domina o mundo

WALQUÍRIA — Dá delícias

E carícias  
De um sabor  
Tentador.

VITUCA — Eu não quero

Saber disso.

ODETE — Porque és

Inda noviço

AS DUAS — Mas há de chegar

Com ardor  
A vez  
De te abrasar  
O amor

---

O amor  
Quando é profundo  
Sedutor  
Domina o mundo  
Dá carícias  
E delícias  
De um sabor  
Tentador  
Se não queres  
Saber disso

É porque  
Inda és noviço.  
Mas há de chegar  
Com ardor  
A vez  
De te abrasar  
O amor

ODETE — Mas, meu primo, é possível que sejas tão insensível às maravilhosas manifestações do amor!

VITUCA — Graças a Deus.

WALQUÍRIA — Pois o amor é a razão capital da própria vida. E essa sua timidez, sr. Vituca, permita que lhe diga, é uma cousa inaudita num rapaz de sua idade...

ODETE — Mais inqualificável ainda é o pavor, é o medo que o primo demonstra ter das mulheres. Que mal te fizeram elas, primo? Responde.

VITUCA — A mulher é o melhor auxiliar de Satanás, para a perdição do homem. (SENTA-SE NA PRIMEIRA CADEIRA D.)

WALQUÍRIA — De minha parte — protesto. (VITUCA PASSA PARA SEGUNDA CADEIRA)

ODETE — Ó Vituca... Tu nasceste de mulher, respeita o sexo de tua mãe.

WALQUÍRIA — (SENTANDO-SE A SEU LADO) Todo rapaz educado tem a obrigação estrita de ser cortês e gentil com as damas. (ENCOSTA-SE)

VITUCA — Menina... desencoste.

ODETE — Pensarás que a Walquíria te vai engolir? Ninguém te quer tirar pedaço.

VITUCA — Eu sei lá. A gente vê tanta coisa neste mundo.

WALQUÍRIA — A simpatia que o senhor me inspirou — é um fato.

VITUCA — (A PARTE) Ou perseguição sa-fada. (ALTO) Mas afinal de contas que é que a menina deseja?

WALQUÍRIA — Desejo iniciá-lo nos encantos, nos processos e sutilezas da arte de amar e ser amado. (ENCOSTA-SE A ELE)

VITUCA — (PASSA) Deus me livre de aprender semelhante mecanismo... (AFASTA-SE)

ODETE — (SENTANDO-SE) Então, priminho, não sejas pateta...

VITUCA — (CONSIGO) Pronto. Agora sim. Estou entre a cruz e a caldeirinha. Se a tia Chica visse isso — Virge Maria — me excomungava. (TENTA LEVANTAR-SE, AS DUAS AGARRAM-NO)

ODETE — Senta, Vituca.

VITUCA — Eu vou ali. (LEVANTA-SE, AS DUAS SEGURAM-NO) Me deixem! Me deixem. (TENTA DESVENCILHAR-SE)

## Cena II

Os mesmos e Borromeu

- BORROMEU — (ENTRANDO) Senhoritas, deixem o rapazinho.
- ODETE — Não te metas, Borromeu!
- BORROMEU — É mais fácil puxar um bode pra dentro d'água que tornar o sr. Vituca acessível ao deleitoso contacto com o belo sexo.
- WALQUÍRIA — Havemos de carinhosamente domesticá-lo.
- BORROMEU — Qual! Esse!! É indomesticável. É inimigo irreduzível, é inimigo figadal das mulheres. Tem horror ao odor de feminina. (VITUCA CONSEGUE SAFAR-SE E SAI) Vai como uma flexa. Vai queimando azulina!
- ODETE — Ele ainda há de se chegar ao relho. Vamos, Walquíria. (SAEM D.)
- BORROMEU — (SÓ) Um pobre diabo como aquele morre... e o que é que no além pode contar... “se passou pelo mundo em branca nuvem, se passou pela vida e não viveu”. (OUVE-SE, UM CLARINETE) Lá está ele danado no clarinete. Aquilo é bom... para acalmar os nervos. Viu-se abarbadado com o chamego das meninas, que são na verdade cutubas. A tal manicura, então, é um perigo, é um buraco! Com aquela sua vozinha adocicada. (OUVE-SE SAXOFONE) Pronto! Agora é o velho no saxofone. Isto aqui é um cafarnaum. (APARECE FELIZARDO DA E. COM AS MÃOS NOS OUVIDOS)

## Cena III

Borromeu, Braz, Felizardo e depois Ulysses

- BRAZ — (ENTRANDO D.) Borromeu! Vai dizer àquele idiota que eu estou com enxaqueca, que acabe com aquele barulho, que vá tocar no inferno! (BORROMEU SAI E.) Não posso mais ter um momento de sossego. (SENTA-SE) Ah coriscos infernais!
- FELIZARDO — Não gosta de música, primo? (BRAZ OLHA-O FURIOSO) Pois olhe, o seu cunhado como virtuose é fantástico, é formidável. E o clarinete do Vituca, então, é maviosíssimo. Os dois podiam muito bem dar um concerto. (OUVE-SE DISCUSSÃO FORA)
- BRAZ — Estão brigando. Isto parece uma casa de doidos.
- FELIZARDO — Está parecendo mesmo. Um manicômio.
- BORROMEU — (ENTRANDO) O homem ficou possesso. Quis espancar-me. Até o tal de compadre Nazário pegou numa cadeira para atirar-me.

BRAZ — Isto é intolerável. Que mal fiz eu a Deus para sofrer tantos dissabores. (PASSEIA)

FELIZARDO — Primo! O sofrimento é que retempera as almas.

BRAZ — Vai pra casa do diabo.

ULYSSES — (ENTRANDO) Braz, é preciso castigar severamente a insolência desse burroteu. Foi interromper-me a tocata de modo desaforado.

BRAZ — Eu mandei pedir-te que parasses a música porque me sinto incomodado.

ULYSSES — Pois o patife chegou no quarto e berrou: “Seu idiota, o patrão está com enxaqueca, acabe com este barulho, vá tocar no inferno!” Veja que atrevimento desse moleque.

BORROMEU — Eu repeti as palavras do patrão *ipsis verbis*. (BRAZ OLHA-O SEVERO E ELE SAI E. A.)

ULYSSES — Ó Braz... pois isto é lá recado que tu mandes a um cunhado, a um amigo como eu!?

FELIZARDO — De fato. Nós, os teus parentes, Braz, somos os teus verdadeiros amigos.

BRAZ — Livre-Deus de tais amigos, que dos inimigos saberei livrar-me.

ULYSSES — Muito breve estarás livre de mim, Braz.

BRAZ — Amém.

ULYSSES — Deixa passar o Carnaval que eu zarpo com o Vituca. E não levo saudades. (SAI E.)

BRAZ — Nem deixas.

FELIZARDO — De mim, também, ficarás livre muito em breve.

BRAZ — Deus te ouça.

FELIZARDO — Aguardo apenas a importância da renda do meu seringal. E deverá ser bem vendido. Está muito bem explorado.

BRAZ — O teu seringal sou eu. Sou eu o seringal que tu vens explorando, sem o menor escrúpulo.

FELIZARDO — Não digas isto, primo.

BRAZ — Tu és um carrapato. Tu és uma sarna; tu és mucuim de lagoa.

FELIZARDO — E tu, meu amável primo, muito ao contrário disto tu és.

BRAZ — (INTERROMPENDO-O) Eu sou... eu sou um raio que te parta.

FELIZARDO — Oh! Acalma-te, homem.

BRAZ — Vieste do Norte, para morrer e aqui te instalaste, transformando o meu lar num hospital. Vem agora o maluco do meu cunhado com o filho, ainda mais desmiolado do que ele, e um tal compadre Nazário, e se aboletam aqui, transformando a minha casa em um hospício.

FELIZARDO — Isso é lá com eles. (LEVANTA-SE)

BRAZ — Mas, isto há de ter um paradeiro! Há de ter um paradeiro.

FELIZARDO — Naturalmente... podes fornecer-me um charuti-nho dos teus, a título precário?

BRAZ — Não, senhor. Estou disposto de hoje em diante a não me deixar mais explorar.

FELIZARDO — Mas, meu caro primo...

BRAZ — (INTERROMPENDO-O) Vai chatear o diabo que te carregue. (TOMA O CHAPÉU E SAI F.)

FELIZARDO — (SÓ) É muito sumético esse meu mal humorado primo. Negar-me um charuto de \$ 500. Que miséria. (ABRE A GAVETA, TIRA UM CHARUTO E ACENDE-O. BORROMEU APARECE).

#### Cena IV

##### Borromen e Maurício.

BORROMEU — Lá está o seringueiro surrupiando um charuto do patrão. (FELIZARDO SAI E. FUMANDO CALMAMENTE) Mas que ratoneiro fino. Fino e calmo... (TIRANDO UM CHARUTO) Agora eu... não preciso furtar. Sou de casa. Tenho direitos adquiridos. (ACENDE-O E SENTA-SE FUMANDO) São bonzinhos, realmente, os charutos do velho. Uma beleza. Regalina-Fina.

MAURÍCIO — (ENTRANDO E DESCENDO) Um charuto a fumar outro charuto.

BORROMEU — Oh! meu caro senhor doutor Maurício! É só o patrão sair, e o senhor — zás — aparecer. Não? Está me parecendo, senhor doutor, que o seu namoro está um tanto ou quanto velhaco. Se o senhor quer, de fato, casar com a pequena por que não lhe pede a mão? Quando o negócio é sério, a gente deve ir pelos tramites legais.

MAURÍCIO — Tramite é burrada, Burromeu.

BORROMEU — Borromeu, senhor doutor.

MAURÍCIO — A palavra não é tramite, é trâmite.

BORROMEU — Ora, senhor doutor, qual trâmite! É tramite. A gente não diz: bronquite, enterite, convite, desquite, apetipe, cibite? Logo, é tramite.

MAURÍCIO — Bem. Diz lá como quiseres. Qu'é de a Odete?

BORROMEU — Está com a manicura, a senhorita Walquíria... Um pedaço.

MAURÍCIO — (CONSIGO) O que? A Walquíria!? Aqui!? Diabo! Por esta eu não esperava. (EM TOM MAIS ALTO) Quer me parecer que o dia de hoje será, para mim um dia aziago.

BORROMEU — Uma patada, senhor doutor. Isto, sim, é uma patada.

MAURÍCIO — Mais respeito, Borrromeu.

BORROMEU — Quero dizer, que... sim, que V. Excelência deu uma silabada. O nome não é aziágo, é aziago.

MAURÍCIO — Ora vai te lixar!

BORROMEU — Sim, senhor. Aziágo. É um termo derivado de azia.

MAURÍCIO — Deixa-te de bobagens e dize-me: a Walquíria costuma sempre aparecer por cá?

BORROMEU — Por cá? Sempre. Ela e D. Odete são inseparáveis. Amigas intimíssimas.

MAURÍCIO — (CONSIGO) Não gosto nada de tais intimidades. A Walquíria pode estragar-me o jogo. (ALTO). Borrromeu, eu vou para a esquina aguardar a saída da manicura, depois volto. (A PARTE/LEVANTANDO-SE) — Não me convém encontrar aqui a Wa'quíria. (SAI F.)

BORROMEU — (SÓ) Estou convencido... Este doutorzinho é um patife. (ULYSSES APARECE E.)

### Cena V

Borrromeu, Ulysses, depois Vituca, Nazário e Walquíria.

BORROMEU — (VENDO ULYSSES) Distintíssimo Sr. Ulysses.

ULYSSES — Grandíssimo sr. animal. Antes de eu ir embora, dou-te uma surra de tirar, couro, cabelo e mais alguma coisa.

BORROMEU — Mas, o senhor, seu Ulysses, está zangado comigo sem razão. O senhor, que é inteligente, deve ter compreendido que, eu apenas repeti, textualmente, as palavras do patrão. Eu sou culpado de que ele seja tão bruto?

ULYSSES — Aquilo é um estúpido.

BORROMEU — De acordo. É estupidíssimo. Um grosseirão. Tratar de maneira tão abrutalhada um parente como o senhor.

ULYSSES — Ele há de pagar-me com língua de palmo. Com Ulysses do Amarante... não se brica. (CHAMANDO) Anda, Vituca, anda, compadre Nazário. (ESTES APARECEM E. E WALQUÍRIA A D.)

NAZÁRIO — Compadre não que qui leve o instrumento, não?

ULYSSES — Olha, Vituca, a mocinha que eu pensei que fosse a Odete! É Walquíria, num é?

WALQUÍRIA — Walquíria para servi-lo.

BORROMEU — A mais linda, a mais avantajada e a mais hábil manicúria desta terra.

ULYSSES — Manicúria?

WALQUÍRIA — Manicura. Não quer que lhe corte as unhas, brincando-as, e lhe aformosei as mãos?



ULYSSES — Não, menina, obrigado.

BORROMEU — (A PARTE) Esse está acostumado a aparar os cascos a formão.

WALQUÍRIA — Então... passar bem, sr. Ulysses...

ULYSSES — Ulysses do Amarante, um seu criado.

WALQUÍRIA — Até outra vista, sr. Vituca. (PAUSA)

ULYSSES — Aperta a mão dela, bicho mole.

VITUCA — Mas, papai...

ULYSSES — (LEVANTANDO A BENGALA) Ou filho do diabo... você num obedece a teu pai, não? (VITUCA FALA) De cum força.

WALQUÍRIA — Sempre geladinho.

BORROMEU — É um sorvete de manga. (SAI)

WALQUÍRIA — Sr. Nazário. (OLHA PARA VITUCA E SAI F. ACOMPANHADO PELO BORROMEU)

NAZÁRIO — Ou criaturinha formosa... (1)

ULYSSES — Compadre Nazário, porte-se sério.

## Cena VI

Os mesmos e Felizardo.

FELIZARDO — (ENTRANDO) Sr. Ulysses... viu o senhor como nós somos aqui tratados pelo senhor seu cunhado?

ULYSSES — O Braz parece que já está é broco.

FELIZARDO — Está. Está caduco. Porque não se justifica que ele trate — ou antes maltrate — tão grosseiramente — já não digo a mim — mas ao senhor, ao senhor e ao seu digno filho, seus parentes próximos. O senhor além disto um músico tão notável... E o seu filho, permita que lhe diga, sr. Ulysses, o seu filho não é um cretino vulgar. — Absolutamente.

ULYSSES — Muito obrigado.

FELIZARDO — Precisamos nos coligar, numa aliança liberal, para rebatermos na altura, as dispauterias do Braz, deixando-o off-side.

ULYSSES — Tá! Muito bom. Pode contar comigo. Vamo Vituca.

VITUCA — Vamo, papai.

ULYSSES — Vamo, compadre Nazário. Té logo, seu Felizardo. Vamo dar um bordo.

---

(1) Frase seguinte, riscada pelo autor e, conseqüentemente, suprimida do texto: "...Chega dá vontade... eu nem sei de que..."

## Cena VII

Felizardo, depois Stela.

(SÓ)

FELIZARDO — O tal do senhor meu primo vai ficar tiririca. Há de pagar-me picuinhas que me tem feito. Hei de aperreá-lo até não poder mais. (STELA APARECE) Stelinha! (ESTA SE APROXIMA) Tu és, minha filha, tu és verdadeiramente a única criatura boa, a única pessoa verdadeiramente ajuizada nesta casa de Orates, onde o pior maluco é o senhor meu primo.

STELA — O senhor exagera, sr. Felizardo. É porque já embirrou com o padrinho.

FELIZARDO — Pois aquele idiota não teve a petulância de chamar-me... tipo sem eira e nem beira. (NOUTRO TOM) Desbeirado é ele. Chamou-me sarna, carrapato, mucuim de beira de lagoa. É preciso revestir-me de muita paciência para suportar tais afrontas. Tipo sem eira e nem beira! Eu! Eu que possuo um seringal no Xingú.

STELA — O padrinho anda muito aborrecido, muito azucrinado com o barulho constante que fazem o cunhado e o sobrinho. São na verdade insuportáveis com as suas insurdecedoras musicatas.

FELIZARDO — E a Odete, sabes? Qualificou-me de parasita. Parasita, eu!

STELA — É verdade! O senhor que possui um seringal no Xingú! (NOUTRO TOM) Mas o senhor não deve se zangar com isto. A orquídea é parasita e não é apreciada?

FELIZARDO — A presumida disse aquilo para machucar-me, para, mais uma vez, espezinhar-me.

STELA — Ela tem razão para andar aborrecida. Está doidinha para casar e o namorado — um acadêmico que, quando o velho não se acha em casa, anda por aqui a cortejá-la — fala em tudo... menos em casamento. Apesar da Odete insistir continuamente sobre o assunto. Há poucos dias pus-me de espreita e então...

FELIZARDO — E então...

STELA — Eu a vi com a maior sem-cerimônia, implorando ao rapaz que lhe pedisse a mão.

FELIZARDO — Que sapeca.

STELA — Vou reproduzir a cena. Faça o senhor de conta que eu sou a Odete e o senhor é o namorado.

STELA — (CANTA)

Não sei porque razão  
Tu não queres  
Pedir a minha mão  
E assim me feres  
Então com a tua ingratidão  
De mim tens compaixão  
E dilaceras                      bis (2)  
O meu pobre coração

O teu amor  
Doce lírio de bonança  
Era a única esperança  
Que na vida acalentava  
Com que ardor  
Eu então te idolatrava  
No furor de um ideal  
Como não há outro igual

FELIZARDO — Aquilo é uma artista.

STELA — E o rapaz... nem mode. Desconversava. (APARECE MAURÍCIO)

FELIZARDO — (VENDO MAURÍCIO) Quem é aquele sujeito?

STELA — É o namorado de Odete.

### Cena VIII

Stela, Maurício e depois Odete.

FELIZARDO — Que conquistador! (SAI F.)

MAURÍCIO — Que sujeito é aquele?

STELA — Um primo do padrinho que está aqui hospedado há oito meses.

MAURÍCIO — Que caradura! (NOUTRO TOM) Mas, Stela, você... é bem graciosa.

STELA — Só agora foi que o senhor reparou?

MAURÍCIO — Não. Eu já havia feito reparo. Porém, hoje estás realmente encantadora.

STELA — Muito obrigada.

MAURÍCIO — De nada! (NOUTRO TOM) És uma deliciosa figurinha de biscoit.

STELA — Muito obrigada.

MAURÍCIO — De nada. Estou falando sério. Um beijo dessa tua rósea boquinha deve ser um manjar do céu. (AVANÇA)

---

(2) São bisados apenas os últimos três versos.

STELA — Nada de brincadeiras, sr. Maurício.

MAURÍCIO — Que te custa dar-me um beijinho, Stela?

STELA — Afaste-se.

MAURÍCIO — Deixa.

STELA — Não.

MAURÍCIO — Um só! (CENA MOVIMENTADA / ODETE APARECE.)

## Cena IX

Os mesmos e Odete.

ODETE — Stela! (MAURÍCIO ESTREMECE) Vá tratar de suas obrigações. E respeite a casa de meu pai.

STELA — Ah! se a senhora respeitasse a casa de seu pai como eu respeito. (SAI)

ODETE — Atrevida! (DÁ ALGUNS PASSOS)

MAURÍCIO — Odete...

ODETE — Não me toque! O seu contato causa-me asco.

MAURÍCIO — Mas, Odete, por uma simples brincadeira, por um gracejo inofensivo, queres romper comigo?

ODETE — O senhor não passa de um reles sedutor.

MAURÍCIO — Sedutor! Eu! Ouve-me, Odete.

ODETE — Eu não quero ouvir coisa alguma... O senhor não me interessa.

MAURÍCIO — Olha: eu pedi a Stela que te fosse avisar que eu estava aqui. Ela disse que não ia. Eu insisti. Ela debochou-me. E eu, então, que estava ansioso, que estava louco por tê-la ver; procurei intimidá-la: (FALA GROSSO) Vá avisar a Odete. Não vou. Você vai. Não vou. Vai. Não vou. E corre pra qui, corre pra li...

ODETE — (INTERROMPENDO) Estavam aqui brincando a manja.

MAURÍCIO — Não queres acreditar-me!... Sabendo que só a ti eu amo. Que só a ti eu adoro. Que só a ti eu idolatro.

ODETE — Eu não posso crer no senhor. Está tudo acabado entre nós.

MAURÍCIO — Bem. Só me resta rogar a Deus que abrande esse teu coração empedernido. (FINGINDO GRANDE EMOÇÃO) Um dia talvez tu te arrependas da grande injustiça que me fazes. Mas, será tarde! Eu já estarei na Eternidade para onde tenciono partir... muito em breve. Adeus para sempre, ingrata! Adeus! Eu vou morrer! (VAI A SAIR)

ODETE — Maurício. Tu não me atraíste? Tu falas a verdade?

MAURÍCIO — Eu não minto. Nunca. Nem brincando.

ODETE — E tu me queres sinceramente?

MAURÍCIO — Com o mais fervoroso afeto de minha alma.

ODETE — E é grande o teu amor por mim?

MAURÍCIO — É do tamanho de um bonde.

ODETE — (APERTANDO-LHE AS MÃOS) Como eu te quero.

MAURÍCIO — Como eu te idolatro.

MAURÍCIO — Querida...

ODETE — Maurício...

MAURÍCIO — (CANTA)

O teu amor é que me faz viver

A vida minha flor

É ideal prazer

Ao teu calor

Eu quero adormecer

Depois morrer

ODETE — (FALANDO) Maurício!

MAURÍCIO — (IDEM) Querida!

ODETE — (CANTA)

O teu amor é que me faz sofrer

MAURÍCIO — A vida minha flor

É ideal prazer

Ao teu calor

Eu quero adormecer

AMBOS — Uma voraz paixão

De intensa sensação

Nos faz vibrar e então

Gozar

Um belo e doce sonho

Sonhamos tão risonho

A embalar

O nosso coração

(TERMINAM COM AS MÃOS ENLAÇADAS. MAURÍCIO  
BEIJA-LHE A MÃO)

## Cena X

Antes de findar o canto aparece Borromeu e depois Braz.

BRAZ — Canalha! Cachorro! Infame sedutor!

BORROMEU — Chi! Pegou o doutorzinho com a boca na botija.

BRAZ — A senhora recolha-se ao seu aposento até segunda ordem. Nós depois ajustaremos conta. (ODETE SAI) Borromeu! Vai trancar a porta do quarto e tirar a chave.

BORROMEU — (SAINDO) Fui promovido a carcereiro! (SAI).

BRAZ — Bandido! Invadir, como um vil salteador, um lar honrado, para tentar seduzir uma donzela.

MAURÍCIO — Mas, senhor, eu não tentei...

BRAZ — Cale-se, miserável. Cale-se. Porque eu sou capaz de matá-lo como se mata um cão hidrófobo.

MAURÍCIO — O senhor não me deixa explicar.

BRAZ — Não há explicações possíveis. Um patife da sua laia merece um corretivo em regra, merece um castigo exemplar.  
(PASSEIA ENFURECIDO/BORROMEU ENTRA COM UMA CHAVE NA MÃO)

BORROMEU — Está praticando prá doido?

MAURÍCIO — Borromeu! Esse desgraçado quererá mesmo matar-me?

BORROMEU — (BAIXO) Se não lhe fizer cousa pior!

BRAZ — Borromeu. Fica de guarda aí a esse celerado. Não o deixes arredar pé. Respondes por ele. (SAI D.)

BORROMEU — O senhor ouviu as ordens, não ouviu? Sou forçado a cumpri-la, haja o que houver, custe o que custar. Ordens são ordens.

MAURÍCIO — Mas que entaladela, heim, Borromeu?!

BORROMEU — Eu bem avisei ao senhor que o velho era um homem perigoso. Capaz de trucidá-lo.

MAURÍCIO — É o diabo! Eu via a Odete, gostei dela, ela gostou de mim...

BORROMEU — Eu conheço o verbo. Eu gostei. Ela gostou, nós gostamos. Pertence à primeira conjugação porque faz o infinito em ar. Eu também estou gostando de uma mulatinha ali defronte, que é o meio dos paus florados. É uma paixão ajumentada.

MAURÍCIO — Pois então antes que tu principies a ornejar, eu zarpo. (FOGE)

BORROMEU — Bonito! E agora!

BRAZ — (ENTRA EMPUNHANDO UM REVÓLVER) Qu'é do bandido?

BORROMEU — Fugiu!

BRAZ — Deixaste-o fugir, miserável!

BORROMEU — Ele me deu uma cabeçada na boca do estômago — ai! — e fugiu.

BRAZ — (DEPOIS DE REFLETIR) Foi melhor assim. Eu estava tão enfurecido que ia cometer um assassinio. Armei-me com este revólver para matá-lo. (APONTA F.)

## Cena XI

Os mesmos e Palmira.

PALMIRA — (QUE VEM ENTRANDO) Ah! senhor. Pelo amor de Deus! Não me mate!

BRAZ — Oh, minha senhora, queira perdoar-me. Faça o favor de entrar e esperar um momento. Vou tomar um calmante. (SAI)

- PALMIRA — Estou toda trêmula! Este homem é doido?
- BORROMEU — Ainda não, senhorita. Está praticando agora. Mas é um perfeito cavalheiro. Está furioso com um rapazola que anda aqui a cacarejar-lhe a filha.
- PALMIRA — Que susto. Santo Deus. Estou sem pingo de sangue.
- BORROMEU — Bonitona! Sim, senhor. (FITA-A COM INSISTÊNCIA) Assayez-vous, mademoiselle, s'il vous plait. (CONTINUA A FITÁ-LA)
- PALMIRA — (À PARTE) Virgem Santíssima. Esse também parece ser maluco... (ALTO) O senhor me fita com uns olhos... Está admirando o meu vestido? Está? Acha-o bonito?
- BORROMEU — Acho! Realmente, é bem bonito. Mas eu cá... sou como o moleiro d'Alcolá... Prefiro a carta ao subscrito.
- BRAZ — (ENTRANDO) Pronto, faz favor sentar, minha senhora. Inteiramente às suas ordens. E queira desculpar-me o susto que involuntariamente lhe preguei. Vivo, há dias, numa tensão de nervos horrorosa! Causas diversas têm concorrido para isto. Deseja falar comigo, não é assim?
- PALMIRA — Não, senhor. Eu procuro o maestro.
- BRAZ — O maestro!?
- PALMIRA — Sim, senhor. Ele me pediu que viesse aqui hoje.
- BRAZ — Então, o maestro pediu que a senhora viesse aqui hoje.
- PALMIRA — Sim, senhor. Eu sou cantora. Ele apreciou muito a minha voz.
- BRAZ — E que maestro é esse, minha senhora?
- PALMIRA — (TIRA A BOLSA UMA CADERNETA E DEPOIS DE LER) Ulysses do Amarante. (BORROMEU DÁ UMA GAITADA À PARTE, AO MESMO TEMPO QUE BRAZ DESCARREGA UM MURRO SOBRE A MESA, ASSUSTANDO PALMIRA)
- BRAZ — O Bandido! Maestro! (PASSEIA AGITADO)
- PALMIRA — (À PARTE) Meus Deus! (TREME) Que tremor.

## Cena XII

Os mesmos e Saturnino.

- SATURNINO — Dão licença?
- BRAZ — Entre. (SATURNINO ENTRA, VIOLÃO AO OMBRO, LENÇO ENCARNADO AO PESCOÇO.) O senhor veio também procurar o maestro?
- SATURNINO — Vim, sim senhor.
- BRAZ — O miserável! O canalha! Quer encher a casa de cantoras e de músicos vagabundos. Borrromeu? O patife do meu cunhado está em casa?

BORROMEU — Não, senhor. O maestro saiu em companhia do Vituca e do compadre Nazário.

BRAZ — Vou procurá-los. (PUXANDO O REVÓLVER) Vou meter-lhes uma bala nos miolos. (SAI FURIOSO) (AO PUXAR O REVÓLVER, SATURNINO AGACHA-SE DEFENDENDO-SE COM O VIOLÃO)

SATURNINO — Ufa! Não me posso ter nas pernas! Esse homenzinho parece que não é inteirado. Se eu não me abaixoo...

BORROMEU — É não, está com um parafuso frouxo.

SATURNINO — Oh! Palmira. Raspamos um susto, heim? (SENTA-SE DE CANSADO)

PALMIRA — Eu estou horrorizada.

BORROMEU — Então, o maestro convidou-os.

SATURNINO — É verdade. Ele parece ser maníaco pela música.

BORROMEU — É de fato. Aqui em casa, cada doido tem a sua mania.

SATURNINO — (PUXANDO O RELÓGIO) Mas já passou da hora que ele marcou.

PALMIRA — Não será melhor irmos embora, Saturnino?

BORROMEU — Não façam isso! Podiam dar-me o prazer de ouvir qualquer cousa.

PALMIRA — Eu, depois do susto que apanhei, perco a voz.

SATURNINO — E se o doido voltar...

BORROMEU — Não se arreciem. Com certeza já foi pegado para o hospício.

SATURNINO — Pois então... canto eu. (REFLETINDO) Qual, Saturnino? Ah! "Cabocla Serrana" de Cândido Neves. (CANTA)

BORROMEU — (BATE PALMAS) Bravos! O maestro tem razão. O senhor tem uma garganta de ouro! Boa para uma corda.

SATURNINO — Mas ele está demorando muito. Vamos dar uma volta, Palmira?

PALMIRA — Vamos, preciso respirar.

SATURNINO — Mais logo passaremos aqui.

(SAEM AO MESMO TEMPO QUE ENTRA FELIZARDO)

### Cena XIII

Borromeu, Felizardo, depois Ulysses, Vituca e Nazário.

FELIZARDO — (PRA BORROMEU) Borromeu, quem são?

BORROMEU — Cantores, musicistas, à procura do maestro.

FELIZARDO — Que maestro?

BORROMEU — O maestro Ulysses do Amarante. (RI)

FELIZARDO — (RINDO) Sim senhor, já é maestro!



BORROMEU — O velho saiu daqui fulo, à procura do cunhado, de revólver em punho pela rua a fora.

FELIZARDO — Coitado! Está doido mesmo o meu querido primo. Doido varrido. (ENTRAM ULYSSES, SEM CHAPÉU, VITUCA E NAZÁRIO TRISTES, CANSADOS, ROUPAS E CHAPÉUS AMARROTADOS. SENTAM-SE ARFANDO).

FELIZARDO — Que aconteceu? Estão com cara de enterro!

BORROMEU — Chi! Parecem uns flagelados.

ULYSSES — Foi o diabo.

NAZÁRIO — Uns istrupiço dos dimonho.

BORROMEU — Mas, afinal, que houve?

VITUCA — Que qui houve? Murro, coice e tapa-olho. Foi uma luta medonha.

FELIZARDO — Uma luta? Espere aí. (TIRA LÁPIS, PAPEL E TOMA APONTAMENTO)

VITUCA — O que é isso? Vai tomar nota?

FELIZARDO — Uns ligeiros apontamentos. Vamos à história.

VITUCA — Nós tomamos um automove pra ir ver a estrada nova. No caminho o chapéu do papai voou pela portinhola afora. Foi preciso o automove voltá par se apanhá o chapéu.

ULYSSES — Era uma ventania desgraçada. E o bicho corria chega zunia.

VITUCA — Mais adiante — zás — o chapéu do papai voou. O choufé rismungou, mais voltou o carro. Mais adiante voou outra vez o chapéu do papai. Aí o choufé disse: “Aguenta o chapéu na cabeça, cabra velho”.

VITUCA — O pai respondeu com um desaforo dest’tamanho e o choufé disse assim: “Esse careca é injoado... Isto é chato”.

BORROMEU — É de grande conveniência, Sr. Ulysses, um homem nas suas condições ser careca. Ao menos não precisa mandar ripar as crinas. (ULYSSES — AMEACA-O)

VITUCA — Deixe eu acabar a história. Quando o homem chamou o papai de chato, o velhinho espiritou-se. “Deixa-te estar, desgraçado, que das Damas (3) pra lá... você se enrola comigo.

ULYSSES — E se enrolou mesmo.

VITUCA — Aí, o choufé disse que tinha pro papai era pneumacho. (RI)

ULYSSES — E o compadre Nazário bancou o valente. Como foi que você disse por homem, compadre Nazário?

NAZÁRIO — Foi assim: Arrespeite o compadre, cabra bruto, senão eu te barro a mão na taba do mastigadô que a língua dança quadria.

---

(3) Bairro de Fortaleza.

VITUCA — (RINDO) Foi isso mesmo: arrespeite o compadre, cabra bruto, senão eu te barro a mão na taba do mastigadô que a língua dança quadria. Aí o choufê soltou um palavrão feio. E foi murro e taponar e ponta-pé a dar com o pau. O homem era valente.

ULYSSES — E esse frouxo só fazia era tremê e chorá. Cada queda que o homem dava ele berrava: o papai morreu...

VITUCA — É, mas eu vim de chapéu e o papai perdeu o seu.

BORROMEU — Pior se tivesse perdido a cabeça.

FELIZARDO — E como acabou a batalha?

VITUCA — Apitaram. E nós pernas, pra que eu te quero?

FELIZARDO — Reportagem formidável. (SAI APRESSADO F.)

BORROMEU — Sr. Ulysses, estiveram aqui uma cantora e um musicista à procura do senhor, a quem qualificaram de maestro.

ULYSSES — É verdade! Eu toquei no saxofone umas coisinhas pr'eles ouvirem. Gostaram. E me chamaram logo de maestro. E eu tenho pra mim que sou mesmo. Eu já andava desconfiado disto, há muito tempo. Num dizia prú modéstia. Mas eles descobriram. E agora não há jeito.

BORROMEU — Que dúvida, Sr. Ulysses! Na nossa terra quem sabe tocar berimbau quer ser maestro.

#### Cena XIV

Os mesmos, Saturnino e Palmira.

SATURNINO — (DA PORTA) O maestro está?

BORROMEU — Está. Podem entrar. (DESCEM SATURNINO E PALMIRA) Está o maestro, o maestrino e o porta-instrumento.

SATURNINO — (Descendo com Palmira) Pronto, maestro. O prometido é devido. Aqui estamos, eu e Palmira, que será nossa companheira nas próximas fusarcas carnavalescas.

BORROMEU — A senhodita é livre?

PALMIRA — Livre, como uma andorinha no espaço.

BORROMEU — Quem me dera aprisioná-la na gaiola do meu peito.

VITUCA — Ou gaiola vagabunda, prum passarim tão mimoso.

ULYSSES — Igi o Vituca... como tá se influindo!

SATURNINO — Palmira é na realidade o mais admirável espécime da mulher artista, da mulher moderna, liberta das peias do convencionalismo rotineiro e tartufo. (CANTA)

Palmira é bem divertida  
Mulher  
Pois sabe levar a vida  
Que quer.

CÓRO — (REPETE)

PALMIRA — Eu sou cantora, sou artista soberana  
Por isso mesmo me apresento tão ufana  
Hei de cantar  
O prazer que este mundo dá  
A mocidade  
Eu hei de gozar.

SATURNINO — Tu és a suprema revelação  
Do amor  
Tu tens no escrínio do coração  
Ó flor  
A luz febril da maior paixão  
Por Deus me aquece com o teu calor

CÓRO — Assim esta vida nos faz  
Amor, gozar  
No ardor de uma viva satisfação,  
A pulsar  
Nas asas da inspiração fulgaz  
Sentimos a alma vibrar, então  
Quem jamais gozou na vida  
Não sabe o bem que isso faz.

Fim do 2.º ato

14/05/1931

OS CORISCOS: anúncio de jornal/1931

# Cine-Teatro-Fenix

SABADO, 19 DE SETEMBRO, A'S 20 1½  
HORAS

## —“Os Coriscos”—

em 3 atos e 22 numeros de muzica. Pelo Gremio Dramatico  
Familiar. Original de Carlos Camara

Ingressos á venda na Casa Mundlos

CADEIRA NUMERADA ..... 3\$000

— NÃO HAVERÁ GERAL —

Após o espetaculo haverá bondes

3985, 19 2.a

---

## TERCEIRO ATO

(AO SUBIR O PANO WALQUÍRIA BURNE AS UNHAS DE VITUCA/CANTA) (4)

### Cena I

Walquíria, Vituca e depois Borromeu

WALQUÍRIA — Podes crer, Vituca, eu te quero... com um fogo devorador. Tu és a minha tentação...

VITUCA — Minha Nossa Senhora... este mundo anda às avessas. O carro anda adiante dos bois. Uma declaração de amor à queima-roupa.

WALQUÍRIA — Quando eu te vi a vez primeira...

VITUCA — A tia Chica sabe uma modinha que começa assim: Quando eu te vi a vez primeira...

WALQUÍRIA — Não me interrompas. Fiquei fascinada...

VITUCA — Tou feito.

WALQUÍRIA — Fascinada pelo teu porte viril e musculoso. (BORROMEU ENTRA)

VITUCA — Chi... viril e musculoso... gostou de vê? O Calango é badejo.

WALQUÍRIA — Eu não posso ocultar-te, Vituca, o meu amor febril...

BORROMEU — Amor febril pelo Vituca, coisa maluca.

WALQUÍRIA — Borromeu... já está ou não domesticado o Vituca?

BORROMEU — Já. Está mais do que domesticado. Já está cavalgável. Cavalgável como um mansíssimo bucéfalo.

VITUCA — Home, vai-te embora. Bucéfala é ele.

BORROMEU — A senhorita, de certo, não sabe ainda que ele caiu na vida de farrista. Também era fatal. Comeu carne e farinha, pisou neste chão duro... reina.

WALQUÍRIA — Farrista? O Vituca?

BORROMEU — É como lhe digo.

VITUCA — Deixa de imputes... Borromeu.

(4) Não consta no manuscrito a letra desta composição.

BORROMEU — Nas duas noites de carnaval, depois que o maestro e o compadre Nazário caíram nos braços de Morfeu, o Vituca saiu comigo às escondidas... e foi aquela garapa.

WALQUÍRIA — Ó Vituca, assim também é muito. Piano... Piano.

BORROMEU — Ele estava escondendo o jogo. E agora está botando as manguinhas de fora. Avalie a menina, que eu levei esse marmanjo *a um cabaré, e, em seguida* (5) ao Recreio Familiar Carnavalesco Flor de Abacate, (6) do qual eu faço parte. Se a senhorita visse o ardor com que este sossinho ajudava a cantar: “Yoyô, Yayá... me dá licença prá brincá no carnavá”... Ou, então, numa embolada, se derretendo, todo sensualizado, pra cima de uma mulatinha dengosa. (WALQUÍRIA DÁ UM BELISCÃO EM VITUCA)

VITUCA — Ai!...

BORROMEU — (RECITANDO) Você diz que sabe muito.

Brabuleta sabe mais  
Vira de pernas pra riba  
Coisa qui você num faz...

Este samba está bom. Ai... Ai...  
Ninguém se meta  
É de cum força  
O pessoal da bola preta...  
Este samba está bom (etc)

Olhe as pernas dele... Olhe ali. Está trenando. Isto é safadinho. Até imbigadas ele deu. É um devasso. Hoje é que é, heim, negão? O último dia de carnavá... “Yayá, Yoyô, você não vai, mas deixe eu ir que vou”. (IMITA A MÚSICA) (7)

WALQUÍRIA — Libertino. (BELISCA-O E SAI F.)

BORROMEU — Libertino, libertino, onde estás tu? Atrás da lapinha chupando caju.

VITUCA — Olhe: você não foi camarada. Você é um tipo indesejável. Você é um ... buchêvista. Você devia sê banido. ... (SAI E.)

BORROMEU — Ah, canalhinha... tinhas as mangas encobertas?...

(5) O trecho grifado é apresentado entre parênteses pelo autor certamente para determinar que o mesmo poderá ou não ser suprimido, conforme a receptividade da platéia a insinuações, àquela época, picantes.

(6) Pequeno clube de Fortaleza, hoje inexistente, situado na Av. do Imperador. (Centro)

(7) “Yaya, yoyô”, de Josué de Barros. (Carnaval de 1930).

## Cena II

### Borromeu e Maurício

MAURÍCIO — Borromeu... Borromeu...

BORROMEU — Ó Sr. doutor, como passa?

MAURÍCIO — Muito mal. Obrigado. Que há de novo?

BORROMEU — Rien de tout.

MAURÍCIO — Entrega isto a Odete. (ENTREGA UMA CARTA)

BORROMEU — O senhor me acha com cara de onde letras, seu doutor.

MAURÍCIO — Eu te gratificarei depois. Estou maluco pela pequena. Não posso viver sem ela. Enfeitiçou-me.

BORROMEU — Mas, o velho...

MAURÍCIO — O velho é um paquiderme, um rinoceronte, um hipopótamo.

BORROMEU — Viu-se em talas, heim?

MAURÍCIO — Felizmente, naquele dia, consegui sair incólume.

BORROMEU — Ou doutorzinho pra falar ruim. Incólume, não, senhor doutor. Incolúme. A gente não diz: queixume, legume, estrume, vagalume e pedrahume?

MAURÍCIO — Pois pronuncias lá como entenderes. Eu não gosto de emendar ninguém.

BORROMEU — Pois eu gosto. E é até um preceito divino: emendar os que erram.

MAURÍCIO — Bem. Eu me retiro. Receio encontrar-me com o velho. (SAI F.)

BORROMEU — Vamos ver lá o que diz esse marreco. (LÊ) “Encantadora e deslumbrante Odete. Meu anjo. Dez dias sem te ver... Dez dias que se me afiguram dez anos. A ausência — posso afirmar-te — revigorou o sentimento que do fundo... d’alma te dedico. Trago-te sempre, dia e noite, na imaginação. De pé, ou sentado, acordado ou dormindo, sinto-te a meu lado a todos os momentos. Quantas vezes eu não tenho beijado o travesseiro, julgando que és tu?” Coitado acaba doido. “Matar-me-ia...” Chi... “Matar-me-ia se porventura as ilusões que no espírito eu acalento... abortassem ante o rigor de teu pai, cuja cólera me amedronta assustadoramente.”

## Cena III

### Borromeu e Odete

ODETE — O que é isso, Borromeu?

BORROMEU — Heim?

ODETE — O que é isso?

BORROMEU — Uma carta.

ODETE — De quem?  
 BORROMEU — Do Dr. Maurício.  
 ODETE — Para mim?  
 BORROMEU — Sim.  
 ODETE — E estás lendo?  
 BORROMEU — Ele me entregou aberta. Estava fazendo a censura. (ENTREGANDO) Ele está furioso com o senhor seu pai. Chama o velho até de cachorro.  
 ODETE — É possível isto?  
 BORROMEU — Leia, senhorita. (ODETE LÊ) Ela é capaz de pensar que o frangote fala sério. É estudante... e basta. Eu conheço essa nação de gente.  
 ODETE — Onde aqui Maurício chama meu pai cachorro?  
 BORROMEU — Dá licença, senhorita? Está aqui: “A côleira de teu pai... “Quem usa coleira é cachorro.  
 ODETE — A coleira não, imbecil, a cólera.  
 BORROMEU — Ah... E pra que ele não botou o carrêgo no ó?! Ou doutorzinho pra escrever ruim. (SAI)

#### Cena IV

Odete, Vituca e depois Maurício.

VITUCA — Ei!... Prima Odete?  
 ODETE — Oh! candura.  
 VITUCA — Candura... Quem sou eu...  
 ODETE — Tu és a candura personificada.  
 VITUCA — Vá se fiando nisso.  
 ODETE — Tu és... um lírio. Sem perfume, mas um lírio. Tu és um fruto proibido...  
 VITUCA — Ai... eu sou um fruto proibido?  
 ODETE — Olha, priminho, deixa que eu te coloque na lapela... (APARECE MAURÍCIO)  
 VITUCA — Na lapélia?  
 ODETE — Na lapela, esta rosa, que simboliza virtualmente, a tua inocência, a tua candidez... São duas rosas, tu e ela. (PEGA NOS OMBROS)  
 VITUCA — Não me faça cócegas.  
 ODETE — A tua timidez é que me faz arrepios, na epiderme, Vituquinha.  
 VITUCA — Odetinha.  
 MAURÍCIO — Cachorrinho.  
 VITUCA — Heim?  
 MAURÍCIO — Mísero loulou.  
 VITUCA — O que é isto?  
 ODETE — Maurício.  
 MAURÍCIO — Arreda-te. Eu devia reduzir-te a bagaços.



VITUCA — Olhe... Chegue pra lá. Se você é doido vá pro hospício.

ODETE — Maurício.

MAURÍCIO — E esta serigaita toda derretida pra cima deste músico vagabundo.

VITUCA — Oi... que sujeito escalafobético...

ODETE — Maurício.

MAURÍCIO — O amor que eu te consagrava, acabou-se, evaporou-se, voou aos ares... como um foguete de assovio... C'est fini.

ODETE — Mas, Maurício, deixa ao menos que me explique.

MAURÍCIO — Eu não admito explicações. Eu não desejo ouvir — jamais — a sua — voz de sariema choça.

ODETE — Mas, Maurício...

MAURÍCIO — Meia volta. Nunca, estás ouvindo? Nunca, jamais, em tempo algum, poderei riscar da mente à cena de horripilante sedução com que tentavas, maquiavelicamente prender aos teus afagos, com sorrateiros — intuitos... este miserável bisbórria.

VITUCA — Bisborra uma ova.

MAURÍCIO — Adeus, Cleópatra sedutora. Cativaste Cézar, que se retira altivo. — Aí fica para todo o serviço este ridículo Marco Antônio. (VAI A SAIR)

VITUCA — Ora boca de Marco Antônio.

ODETE — Maurício.

MAURÍCIO — Víbora... (SAI F.)

VITUCA — Qui sujeito isbilotado, heim, Odete? Veio atrapalhá a nossa conchambrança...

ODETE — Vai-te para o inferno. Maravilha de uma figa. Bisbórria.

VITUCA — Bisborra de novo.

ODETE — Trouxa.

VITUCA — Virge!

ODETE — Néscio... Pacóvio... Oh!... meu Deus, como infeliz eu sou... (SAI)

VITUCA — Agora me diga uma coisa: que eu tenho com a desinfelicidade dela? Mas, que priminha, heim? Ora qué... ora num qué... (COÇANDO A CABEÇA) Isto é o diabo... (NOUTRO TOM) Vou tocar... clarinete... (VAI A SAIR)

## Cena V

Vituca e Borrromeu

BORROMEU — Ei... Vituca. Um telegrama para teu pai. Já passeio o recibo.

VITUCA — Deixe eu vê.

BORROMEU — E você sabe ler?

VITUCA — Ora se eu sei. . . (PEGA, LÊ E ABRE NO CHORO)

BORROMEU — O que foi? (VITUCA CHORA) Mas, que houve?  
Diz, miserável.

VITUCA — A... a... a ti... ti... titia morreu. (CHORA)

BORROMEU — Não chores, tolo. A morte não é das piores cousas da vida. Para algumas pessoas — morrer é até um bem.

VITUCA — A titia morreu...

BORROMEU — Cala essa boca, Vituca. Morrer é descansar, é repousar eternamente à sombra dos ciprestes. Morrer é esquecer os sofrimentos, é esquecer as angústias, as amarguras, as infinitas tristezas que nos acabrunham a vida.

VITUCA — A titia morreu.

BORROMEU — Não chores, bobalhão. Ficas pavorosamente feio chorando.

VITUCA — Eu fico feio?

BORROMEU — Ficas. (VITUCA CHORA) Mas que lembrança infeliz dessa tua tia Chica morrer em pleno carnaval... Devia ter esperado que acabasse a fusarca para, então, esticar a canela.

VITUCA — A titia morreu.

BORROMEU — Dé-me esse telegrama. Hoje não é dia para choro... Choro hoje só de violão. Amanhã, sim, eu entrego o despacho a teu pai, e você e ele podem chorar à vontade, que o dia é mais apropriado, quarta-feira de cinzas.

VITUCA — A titia morreu... Acabou-se tudo.

BORROMEU — Parecer Jeremias a lamentar-se sobre as ruínas de Jerusalém. (CHORO) Deixa prá chorá amanhã, bandido.

VITUCA — Amanhã?

BORROMEU — Sim. Amanhã.

VITUCA — Eu tou tão triste. (SAI SOLUÇANDO)

BORROMEU — Ah, sujeitinho cabuloso...

## Cena VI

Borromeu, Felizardo e depois Braz.

FELIZARDO — Borromen, por obséquio entrega isto na redação da "Fanfarra". (8)

É perto. Vai, homem. Eu te gratificarei... quando receber o cobre do meu seringal. (BORROMEU SAI)

BRAZ -- Vida infernal... Não posso mais tolerar essa súcia de curiscos — miseráveis que me envenenam a vida.

---

(8) Jornal de sátiras e fofocas, existente em Fortaleza, em meados da década de trinta.

**BRAZ** — Eu quisera saber qual o canalha que vive a fazer reportagens em torno de tudo que me diz respeito envolvendo o meu nome em mil história, e com algumas das quais eu nada tenho que ver.

**FELIZARDO** — Não gostas de ver o teu nome nos jornais, primo?

**BRAZ** — Absolutamente.

**FELIZARDO** — Só mesmo... no obituário...

**BRAZ** — Cala-te, desgraçado. De dois em dois lá vem uma mo-fina.

**FELIZARDO** — Mas todas as notas que têm sido publicadas são verdadeiras.

**BRAZ** — Cala-te, Cabrion dos diabos... Serás tu o miserável re-pórter?

**FELIZARDO** — Eu!? (GESTO NEGATIVO)

**BRAZ** — A primeira narrou uma luta corporal na qual se envol-veram um chauffeur, o patife do meu cunhado e o compa-dre Nazário.

**FELIZARDO** — Fato, realmente, lamentável.

**BRAZ** — Mas o que tinha o diabo desse jornal de meter o meu nome na história, de dizer que Ulysses é meu cunhado?

**FELIZARDO** — És a pessoa mais representativa da família, pri-mo.

**BRAZ** — A segunda notícia é que estou sendo processado, como incurso no artigo 337 do Código Penal.

**FELIZARDO** — Uso de armas proibidas. E não é exato? Não an-daste pela rua, como um doido, de revólver em punho? Por um triz não foste dar com os costados no Asilo.

**BRAZ** — Cala-te, estúpido. A terceira aqui está: “O ilustre ma-estro Ulysses do Amarante e seu filho Victorino do Amaran-te, este sobrinho e aquele cunhado do conhecido capitalista Braz do Espírito Santo, do qual ambos são hóspedes, preten-dem realizar na residência daquele cavalheiro, um formidá-vel concerto instrumental de saxofone e clarinete. “Isto é o cúmulo... É o supra-sumo da cachorrice.

— Eu devia liquidar esses marotos... a punhal... já que a polícia me tomou o revólver.

**FELIZARDO** — Calma, primo. Tu não te deves encolerizar. O médico afirmou-me, confidencialmente, que estás cardíaco.

**BRAZ** — Eu?

**FELIZARDO** — Sim. Tens um bruto aneurisma.

**BRAZ** — Eu... cardíaco.

**FELIZARDO** — Eu não devia dizer-te isto, primo. Mas, como é para teu bem...

BRAZ — És um infame, um facínora.

FELIZARDO — Eu não sei como se possa insultar desta maneira a um homem como eu.

BRAZ — Possuidor de um seringal no Xingú — completa a frase... e muda o disco.

## Cena VII

Os mesmos e Ulysses.

ULYSSES — Ó Braz... como vai essa força? Ainda hoje não tinha tido o gosto de te ver.

BRAZ — Então... tu e o teu filho vão dar um concerto...

ULYSSES — A pedido de diversas famílias.

BRAZ — Tu és um imbecil, teu filho um idiota e o teu compadre Nazário uma besta.

FELIZARDO — Cuidado com o coração, primo. Esse danado pode espocar...

BRAZ — Maldita a hora em que esses miseráveis, entraram em minha casa. Até do coração já estou sofrendo. (SAI. F.)

ULYSSES — Tá furioso.

FELIZARDO — Não se incomode... É ele querer estrilhar e eu lhe aplico a ducha:

“Cuidado com o coração” (SAI)

## Cena VIII

Ulysses, Saturnino, Palmira, depois Vituca e Nazário.

SATURNINO — Licença para dois.

ULYSSES — Podem entrar.

SATURNINO — Como vai essa incomensurável bizzarria?

ULYSSES — Regularmente.

PALMIRA — Sr. Maestro, os meus cumprimentos.

ULYSSES — Agradecido, menina.

PALMIRA — Lemos nos jornais que o senhor e o Vituca se resolveram, afinal, a levar a efeito um concerto.

ULYSSES — Que jeito... vocês insistiram tanto.

SATURNINO — Ah!... é verdade, maestro, o senhor podia ir comigo hoje a um balmasqué...

ULYSSES — A que, homem?

SATURNINO — A um baile carnavalesco.

ULYSSES — Eu? Na minha idade?

PALMIRA — Isto de idade não vem ao caso.

SATURNINO — E, além disto, pode ir disfarçado. Ninguém o reconhecerá. Eu me encarregarei de arranjar tudo na surdina... E por falar em surdina, maestro, já escolheu as músicas que vai tocar no concerto?

ULYSSES — Já. Já escolhi dois números de arromba.

PALMIRA — E não podia executá-las para nós ouvirmos?

ULYSSES — Com grande gosto, menina. Compadre Nazário. Ou compadre Nazário... O desgraçado é capaz de está lá inscornado im cima da cama.

NAZARIO — Pronto, cumpadre.

ULYSSES — Chame o Vituca e traga os instrumentos. Olhe. Traga também as musicas que estão em cima da mala.

SATURNINO — O seu concerto, maestro, vai dar que falar nos meios artísticos da terra.

PALMIRA — Vai ser uma cousa estupendamente fantástica. (VITUCA APARECE)

SATURNINO — Muita gente boa vai ficar roendo.

PALMIRA — Ó Vituca.

VITUCA — Ai... é a cantora... (ESTIRA A MÃO)

ULYSSES — Hum... já nem é preciso mais eu mandar o Vituca falá cum as moça... Ele vai logo estirando a munheca. (ENTRA NAZARIO) Vituca, vamo tocá aquelas músicas que eu escolhi pro concerto. (PREGA A MÚSICA EM NAZARIO) O compadre Nazário é a estante. Sentem-se.

SATURNINO — Soberbo... sistema art-nouveau... (EXECUTAM "CANTANDO NA CHUVA") (9)

SATURNINO — (DEPOIS DA EXECUÇÃO) Bravos. É formidável.

PALMIRA — Um colosso.

SATURNINO — E a estante é giratória...

ULYSSES — Agora vamos ao outro número... (EXECUTAM)

SATURNINO — (DEPOIS DA EXECUÇÃO) É admirável. O seu saxofone é extraordinário.

PALMIRA — E o clarinete do Vituca é de papôco.

VITUCA — Gostou de vê?

ULYSSES — Guarde os instrumento, compadre Nazaro.

SATURNINO — Precisamos combinar o negócio do bal-masqué.

ULYSSES — Vamos pro meu quarto. (SAEM)

PALMIRA — Então? Estás disposto a acompanhar-me hoje aos prélios carnavalescos?

VITUCA — Tou, menina. Você manda. Disposto prum tudo.

PALMIRA — Eu já sabia disto, meu bico de lacre.

VITUCA — Meu Deus... Eu sou o bico de lacre dela.

(9) Apelava-se para a dublagem, com músicos nos bastidores, quando o intérprete não sabia tocar o instrumento exigido pelo personagem.

PALMIRA — Serás o meu par predileto.

VITUCA — Num me alvorece, menina.

PALMIRA — Teu pai também vai cair na farra hoje. Prometeu ao Saturnino.

VITUCA — O papai?

PALMIRA — Sim. Teu pai é reinado. É cuera.

VITUCA — Cuéria?

PALMIRA — Cuera... É taco.

VITUCA — Eu num sei s'ele é cuéria ou se é taco... O qui eu seio é qui ele vai estragá o capitulo e desmanchá o nosso jogo...

PALMIRA — Qual... Com aquele disfarce que eu te arranjei, ele não poderá nunca reconhecer-te. (ENTRAM ULYSSES E SATURNINO)

SATURNINO — Pois ficamos combinados, heim?

ULYSSES — Olhe lá!... A alma do negócio é o segredo.

SATURNINO — Fique descansado. Vamos, Palmira.

PALMIRA — Adeus, Vituca. Até mais tarde. Passar bem, maestro. (SAEM F., ULYSSES SAI E.)

VITUCA — Eu num seio o qui é qui eu tenho que tudo quanto é moça vive danisquinha pur mim. E é cada nome que elas me botam. É tentativa. Fruto proibido. Bico de lacre, bucéfala... Não: bucéfala quem chamou fio o Borromeu. Si a titia soubesse... Ai... A titia morreu. Eu sou orfã de tia. (CHORA) Amanhã eu vou chorá cum mais gosto. (SAI)

## Cena IX

### Braz e depois Borromeu

BRAZ — Cardíaco... Estou cardíaco... aneurismático. E devo agradecer isso a esses malditos coriscos... Canalhas... Viram tudo aqui de pernas para o ar. Percorrem a casa toda à frescata, à vontade, como se isto aqui lhes pertencesse... Que figura represento aqui? Que papel faço eu? Andam com os meus chapéus, vestem as minhas roupas, calçam os meus sapatos, fumam os meus charutos e até contas já apareceram para eu pagar. E, por mais afrontados desaforos que eu lhes diga, não me favorecem com a sua ausência. Só mesmo a pau.

BORROMEU — Patrão, o senhor precisa fornecer-me 20\$000.

BRAZ — Para gastares hoje com farras, carnavalescas?

BORROMEU — Não, senhor, para matar a fome.

BRAZ — Como?

BORROMEU — Para matar a fome, sim, senhor. Desde que os parentes de V. Excelência aqui se aboletaram que eu tenho passado baixo em matéria de boca.

BRAZ — Mas, eu não aumentei todas as despesas? Gastando um dinheirão todos os dias?

BORROMEU — Nada chega. Esses coriscos comem como uns alarves. E no intervalo das refeições, ainda andam a casca-vilhar nos armários, a farejar no guarda-comida, a remexer na despensa. Avancam nas frutas, empanturram-se de doce, encharcam-se de vinhos e licores. Devoram tudo, uma verdadeira seca.

BRAZ — Ah, malditos... Querem deixar-me de esmolas...

BORROMEU — Eu acho que o jeito que há é se arranjar umas mochilas pra essa gente.

BRAZ — Só a pau... Só a pau.

BORROMEU -- E agora os trabalhos que me dão... V. Excelência não imagina. É o sr. Felizardo a me mandar deixar correspondências... É o sr. Ulysses a querer que eu ajude o compadre Nazário a zelar o instrumento. É o Vituca...

VITUCA — (FORA) Borrromeu, vem botar o meu banho morno.

BORROMEU — É o Vituca a pedir banho morno... Ele disse que estava acostumado a tomar banho morno na casa da titia...

VITUCA — (FORA) Borrromeu... o meu banho...

BRAZ — Eu preciso tomar uma resolução enérgica. Isto não pode continuar.  
(LEVANTA-SE)

BORROMEU — Patrão... E o cobre?...

BRAZ — Pega... (ENTREGA)

BORROMEU — Só 10\$000.

BRAZ — Só... E ponha-se ao fresco.

BORROMEU — Com licença. (VAI A SAIR)

VITUCA — (APARECENDO) O meu banho morno, Borrromeu...  
(SAEM OS DOIS, DISCUTINDO, OUVINDO-SE AO MESMO TEMPO, DISCUTIREM FORA ODETE E STELA)

## Cena X

Braz, Odete e Stela.

ODETE — (FORA) Lambisgóia.

STELA — (FORA) É a senhora.

ODETE — (FORA) Malcriada.

STELA — (FORA) É a senhora. (ENTRAM AS DUAS)

ODETE — Atrevida.

STELA — É a senhora.

ODETE — Insolente.

STELA — É a senhora.

BRAZ — Mas, o que é isto? O que é isto? Estão ajudando os co-  
riscos a me desmoralizarem a casa?

ODETE — É essa peste, papai...

STELA — Peste, não.

BRAZ — Olha...

ODETE — Que vive a debochar-me, não ligando a menor impor-  
tância ao que lhe digo.

STELA — É essa baronesa, padrinho, que vive a maltratar-me, a  
dar-me ordens, como se eu fosse uma escrava, uma réles  
empregada.

ODETE — Não me tem o menor respeito.

STELA — Respeito...

BRAZ — Eu não admito que voces duas questionem. Estão ou-  
vindo? Quero vê-las sempre unidinhas, como se fossem  
irmãs.

ODETE — Ela é muito arrebitada, papai. Muito insolente.

STELA — Conte a história direito. Ela tem um apaixonado, pa-  
drinho.

BRAZ — Eu já vi o patife.

STELA — Pois o sujeitinho — o patife, como o senhor o chama,  
veio com brincadeira para o meu lado, e ela, por isso, se tor-  
nou minha inimiga rancorosa.

BRAZ — Pois eu não admito ma'quereças. Estão estendendo?  
Não admito. Quero que sejam muito amiguinhas. Vamos  
lá. Façam as pazes. Dá um abraço em Stela, Odete.

ODETE — Ela me ofendeu, papai.

BRAZ — Vamos. (ABRAÇAM-SE)

STELA — Ai... me beliscou...

ODETE — É mentira.

BRAZ — Agora um beijo.

STELA — Mas, padrinho...

BRAZ — Obedeçam. (BEIJAM-SE)

ODETE — Ai... Ela me mordeu.

STELLA — É mentira.

BRAZ — Não quero ver mais encrencas. Vão para suas ocupações.  
(SAI)

ODETE — Vai lá pra dentro... Consertar a roupa.

STELA — Agora isto...

ODETE — Não estás ouvindo as minhas ordens?

STELA — Pois sim...

ODETE — Eu te mostrarei, bichinha, de quanto sou capaz, deixa  
estar. (SAI)

STELA — Vai-te, castanha chocha. Pensas que podes comigo?



## Cena XI

Stela e Saturnino.

SATURNINO — (COM UMA VALISE REGULAR) Senhorita...

STELA — Pode entrar. A quem procura?

SATURNINO — Ao sr. Ulysses.

STELA — Vou chamá-lo.

SATURNINO — Não é preciso, senhorita. Eu sei o caminho. O aposento dele é ali.

STELA — O senhor o que é?

SATURNINO — Bicheiro, senhorita, e nas horas vagas, cantor.

STELA — Ah! o senhor é cantor?

SATURNINO — Sou, senhorita. Sou louco por serenatas ao luar.

STELA — Ao luar? Deve ser uma beleza.

SATURNINO — É, realmente. E faz muitas vezes a gente esquecer os desalentos da vida. Eu vou falar com o sr. Ulysses.  
(SAI)

## Cena XII

Stela e Felizardo.

FELIZARDO — E, então, Stelinha? Como vais?

STELA — Muito mal. Já não posso suportar a Odete. Está incontrolável. Eu preciso abandonar esta casa.

FELIZARDO — Tu, minha filha, que és tão terna, tão pura e tão distinta, tu devias sair daqui de cabeça esguida, pelo braço de um homem de bem que te servisse de amparo na vida. Eu, por exemplo.

STELA — O senhor?

FELIZARDO — Eu, sim. Que sei compreender a prureza de tu'alma. E se quisesses acorrentar o teu coração ao meu destino...

STELA — (DEPOIS DE REFLETIR) Quero, sr. Felizardo. Tire-me deste inferno.

FELIZARDO — Vamos ao caramanchão do jardim acertar as cousas convenientemente. (SAEM F.)

## Cena XIII

Borromeu, Maurício e depois Odete

BORROMEU — Está deserto isto aqui.

MAURÍCIO — Odete?

BORROMEU — Oh, doutor, o senhor por aqui?

MAURÍCIO — Preciso falar a Odete. (ESTÁ APARECE)

BORROMEU — Ela aí vem.

MAURÍCIO — Odete, precisamos falar sinceramente. De coração a coração. Eu não posso viver sem o teu afeto. A crueldade de teu pai, expulsando-me de tua casa, de maneira tão atroz, fez-me compreender a extensão do meu amor. És a luz dos meus olhos, a flor ebúrnea que me embalsama a vida.

BORROMEU — Ih!... O doutorzinho deu pra poeta. (SAI)

ODETE — E o teu ciúme? Não me trataste tão rudemente ao me ver conversar com o Vituca?

MAURÍCIO — Eu já soube que ele é teu primo. Eu preferia casar com uma moça que não tivesse... primos... Mas que fazer?

ODETE — Pois julgaste que eu falava sério com aquele imbecil?

MAURÍCIO — Não falemos mais nisto. Teu coração vale um tesouro. És minha noiva para todos os efeitos, muito embora a oposição de teu pai.

#### Cena XIV

Os mesmos e Walquíria.

WALQUÍRIA — (DA PORTA) Boa noite.

ODETE — Oh! Walquíria... Entra.

MAURÍCIO — Pronto, borrou-me a pintura.

WALQUÍRIA — Maurício. Tu aqui? Conhecem-se?

ODETE — Intimamente. É pretendente a minha mão.

WALQUÍRIA — A sua mão? Quantas apaixonadas tens tu, bigorilho?

MAURÍCIO — Tive diversas, inclusive a senhorita, hoje, porém, só tenho esta com quem pretendo casar-me. Estás ouvindo?

WALQUÍRIA — Odete, não te fies nas lábias desse maroto.

MAURÍCIO — Senhorita, não me faça perder-lhe o respeito.

WALQUÍRIA — Mariola... Peralvilho... Odete, tu te hás de arrepender se acreditares nas falsas juras desse Judas... Que eu nunca mais te encontre em meu caminho. (SAI)

MAURÍCIO — Amém.

ODETE — Meu Deus... oh... meu Deus... De desilusão em desilusão.

MAURÍCIO — Confia em mim, Odete. Esquece as façanhas daquela louca. Só a ti amo com delírio, minha flor. És minha. Quem será capaz de arrancar-te dos meus braços?

## Cena XV

Os mesmos e Braz.

BRAZ — Eu.

MAURÍCIO — Pronto. Estou de novo em calças pardas.

BRAZ — Senhor. Eu sou pai e amo a minha filha.

MAURÍCIO — Eu também, senhor.

BRAZ — Como? O senhor também é pai?

MAURÍCIO — Por enquanto, não. Apenas candidato, mas amo também sua filha e não me julgo indigno de merecê-la. Estou quase a concluir o curso de medicina, cuidando já da tese. Vou especializar-me no tratamento das moléstias do coração.

BRAZ — Do coração... E eu sou cardíaco... Um genro médico para mim seria um achado.

ODETE — E então, papai?

BRAZ — Têm o meu consentimento. E vamos solenizar este acontecimento com uma taça de champagne. (SAEM D.)

(BORROMEU ENTRA CANTAROLANDO)

## Cena XVI

Borromeu, Palmira e depois Vituca

PALMIRA — Borromeu, você que é sempre tão gentil...

BORROMEU — Beaucoup de amabilité, mademoiselle.

PALMIRA — Pode informar-me onde está o Vituca?

BORROMEU — Menina, eu o deixei no banho morno.

PALMIRA — Desejava falar com ele imediatamente.

BORROMEU — Mas, no banho, senhorita, é impossível. Espere um pouquinho. Deixe ao menos o rapazinho se enxugar e envergar a indumentária carnavalesca. (ENTRA VITUCA CAUTELOSAMENTE)

PALMIRA — Vituca...

VITUCA — Oh Palmirinha... Tá bom assim?

PALMIRA — Está ótimo.

VITUCA — Você tem que dançar comigo todos os tangos e mais arremexidos. (10)

PALMIRA — Serás o meu Pierrot e eu a tua Colombina.

VITUCA — Minha Colombina. Chega parece que eu tenho é azougue no sangue. Olha aqui. Tou assim, minha nega. (BOTA A MÃO DELA SOBRE O CORAÇÃO)

PALMIRA — Chi!... Parece um motor.

(10) Era costume, mesmo em bailes carnavalescos, a execução de tangos, maxixes, etc.

## Cena XVII

Os mesmos e Braz.

BRAZ — O que é isto? O que é isto?

PALMIRA — Ai, meu Deus, é o doido. (BOTA MEIA MÁSCARA)

VITUCA — É o titio.

BRAZ — Vituca, você fantasiado? Essa senhora, quem é?

VITUCA — Essa senhora... Essa senhora... titio, essa senhora... é uma senhora.

BRAZ — Imbecil... (AFASTA-O) Soberba criatura... Que olhos matadores. Chispam através da máscara como dois diamantes de primeira água. Minha senhora, apesar de encanecido, ainda sei apreciar o que é belo. E, a senhora, é esculturalmente formosa. Se eu não fosse tão velho...

PALMIRA — O senhor não parece ser tão idoso.

BRAZ — Já transpus o cabo da Boa Esperança. Passei dos cinquenta. Ao ver uma mulher bonita como a senhora dirá um jovem: Ah, se eu ousasse... E um velho como eu dirá, então: Ah, se eu pudesse... Como é triste o declínio da vida. Querer e não poder.

BORROMEU — É ter fome e não ter dentes.

## Cena Final

ULYSSES— Vamos indo cum cuidado. (ENTRAM CAUTELOSOS)

BRAZ — O que é isto? Que pagodeira é esta? Ulysses, até você mascarado? Hoje há morte nesta casa. Pelo menos um risco eu estrangulo. (AVANÇA PARA VITUCA)

VITUCA — Eu tou muito moço ainda pra morrê, titio. Mate o compadre Nazário.

NAZÁRIO — Tou fora. (SAI)

(ENTRAM FELIZARDO, STELA, MAURÍCIO E ODETE)

BRAZ — Vou ensiná-los... Vou botar essa canalha pela porta afora. Vai tudo com os diabos.

FELIZARDO — Olhe o bruto, primo.

BRAZ — O bruto?

FELIZARDO — Sim, o coração. Esse diabo pode papocar. E por falar em papocar... sabes que vou casar com a Stela?

BRAZ — Tu queres casar com esse traste, Stela?

STELA — Quero, padrinho.

BORROMEU — Mulher quando quer casar qualquer corujão lhe serve.

FELIZARDO — Fixe-fixe. É só receber o dinheiro do seringal... e trás-zás, nó cego.

BRAZ — Então tem que esperar até à consumação dos séculos.

MAURÍCIO — Comigo não sucederá isto. Casarei logo após a formatura. E o meu amor é imortal. Sobreviverá além túmulo. Se tu me atraíçoares, meu amor, mesmo depois de minha morte, eu serei o defunto mais infeliz do mundo.  
(SOBEM)

VITUCA — Home, ta tudo pra casá. Você podia me fazê feliz, Palmirinha.

BORROMEU — Até essa boca de semi-tumba quer casar.

PALMIRA — Não. Cantar, brincar, dançar com qualquer um. Mas casar-me, só com um homem alinhado, um homem n'altura.

VITUCA — Eu tenho até bom tamanho.

BORROMEU — Chitou, mané fulô.

PALMIRA — Eu lá me casarei com um homem que toque clarinete.

VITUCA — Mas eu posso deixar de mão o instrumento.

ULYSSES — Ou desgraçado. Queres arrenegá a arte?

BRAZ — Então, Ulysses, hoje termina o carnaval, amanhã regressarás aos penates.

ULYSSES — Eu? Não. Eu tenho gostado muito disto aqui... e mesmo o meu concerto já está anunciado, num é? Eu pretendo passá aqui a quaresma.

BRAZ — Ah, coriscos infernais, dão comigo no hospício...

SATURNINO — Vamos, negrada, à fusarca. Está na hora.

(CANTAM)

Que linda festa

Deste carnaval

Vamos gozar

Pois não?

Um tal prazer sem par

O coração

A nos pulsar

Febril

De encantos mil, então

Nos faz vibrar

CORO — Que linda festa  
Deste carnaval  
Vamos gozar  
Pois não?  
Um tal prazer sem par.  
O coração  
A nos pulsar no peito  
De encantos mil  
Nos faz então  
Vibrar

Cai o pano

OBS. Esta peça foi escrita nos dias 13 e 14 de maio de 1931.